

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Arthur Witter Meurer

**PUNHO CERRADO**

O ativismo esportivo e a resistência negra no futebol como um recurso didático e lúdico  
antirracista

**Porto Alegre**

**2023**

Arthur Witter Meurer

**PUNHO CERRADO**

O ativismo esportivo e a resistência negra no futebol como um recurso didático e lúdico  
antirracista

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado  
ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção  
do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana Ribeiro Vargas

**Porto Alegre**

**2023**

Arthur Witter Meurer

## **PUNHO CERRADO**

O ativismo esportivo e a resistência negra no futebol como um recurso didático e lúdico antirracista

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Data da aprovação: 14 /09 /2023

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Drª. Juliana Ribeiro Vargas (orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr. Alexandre Silva Virginio  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr. Daniel Gustavo Mocelin  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Dr. Julian Silveira Diogo de Ávila Fontoura  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## RESUMO

O presente trabalho trata-se do desenvolvimento de um material didático lúdico antirracista baseado na História Social do Futebol, sobretudo o brasileiro, e no ativismo esportivo e resistências dos/das jogadores/as de futebol. Este trabalho adota, como metodologia, o princípio das metodologias ativas e a estratégia de gamificação. Para além do material em si, três atividades foram desenvolvidas para uma sequência didática, sendo a soma destas tarefas, pontuadas de 0 a 3, tal qual como no Campeonato Brasileiro, formarem a Taça Leônidas da Silva. Entre estas atividades estão a 1) *Respeite as minhas cores*, para a confecção de escudos, camisas, bandeira, etc com base nos times da Liga da Canela preta; 2) o jogo de tabuleiro *Cabeceia(dores)*, que traz situações de racismo e antirracismo no futebol; 3) *Mesa redonda*, que compreende um debate sobre o racismo estrutural. Este trabalho visa contribuir para a promoção de novas formas de ensino de Sociologia e de combate, através da Educação, do racismo estrutural.

Palavras-chave: Futebol; Antirracismo; Material didático; Sociologia; Gamificação.

## ABSTRACT

This project focuses on developing an educational, anti-racist, and playful material based on the Social History of Football, particularly in Brazil, and the sports activism and resistance of football players. The methodology employed in this work follows the principles of active methodologies and uses gamification strategies. In addition to the material itself, three activities were designed for a didactic sequence, and the sum of these tasks, scored from 0 to 3, akin to the Brazilian Championship, forms the "Taça Leônidas da Silva." These activities include: 1) "*Respeite as minhas cores*" (Respect My Colors): Involves creating shields, jerseys, flags, etc., based on the teams of the "Liga da Canela preta" (Black Skin League), 2) "*Cabeceia(dores)*" Board Game: Introduces situations related to racism and anti-racism in football; 3) "*Mesa Redonda*", Roundtable Discussion: Engages in a debate on structural racism. The goal of this project is to contribute to promoting new ways of teaching Sociology and combating structural racism through education.

Keywords: Football; Anti-racism; Educational material; Sociology; Gamification.

## AGRADECIMENTOS

Parece irônico vindo de quem desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre esta temática dizer que não gosta de futebol. Tenho dito aos meus amigos e familiares que o jogo, em si, é o que menos me anima, isto, é claro, quando o clube que torço não está em campo. Os noventa minutos, por vezes, se tornam morosos, sobretudo quando ambos os times optam pela “retranca”. O que me acalenta a alma está fora das quatro linhas. Por este motivo, quero agradecer a todos os/as torcedores/as que acompanham os seus times ao redor do mundo; que cantam a plenos pulmões, na vitória e na derrota; os devotos que fazem a festa acontecer e que fizeram deste esporte algo muito mais que um esporte, e sim uma paixão, às vezes irracional, e uma “loucura sem cura”.

Da mesma forma, parece incoerente vindo de quem, até o momento, não crê em nenhuma divindade agradecer aos Deuses do Futebol. Assisti a jogos que só a razão e a ciência não me instrumentalizam para explicar o que vi.

No mais, agradeço a todos que contribuíram - direta ou indiretamente - para elaboração deste projeto: Fabiana e Marcus, meus pais; família, amigos e colegas; Juliana, Alexandre, Daniel, Luciano, César, Marília, Tânia e Roger e todos/as professores/as orientadores/as que atravessaram meu caminho na Licenciatura em Ciências Sociais; à Fernanda e Deborah, minha rede de apoio; aos trabalhadores/as terceirizados/as e servidores/as da UFRGS; as agências de fomento Capes e CNPq que me possibilitam aprender, na prática, as dificuldades cotidianas vivenciadas pelos/as educadores/as e pesquisadores/as.

Ademais, agradeço à Universidade pública e gratuita; e aos/às alunos/as que tive. Vocês me tornam professor a cada ingresso em sala de aula.

## SUMÁRIO

<b>1 "AUTORIZA O ÁRBITRO": INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 SE A REGRA É CLARA, QUE A TORNEMOS NEGRA: COMBATE AO RACISMO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIOLOGIA ESCOLAR</b>	<b>15</b>
<b>3 "NÃO É UM JOGO JOGADO": METODOLOGIAS ATIVAS E GAMIFICAÇÃO</b>	<b>19</b>
<b>4 "SOU DA TORCIDA QUE CANTA MAIS ALTO E CORRE OS RACISTAS": HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL E ATIVISMO ESPORTIVO ANTIRRACISTA</b>	<b>24</b>
4.1. Por uma e outras histórias de futebol: panorama histórico	24
4.2. Futebol e racismo: o 13º jogador é o primeiro a entrar em campo	36
4.3. Do “gesto feio” ao punho cerrado: dos primórdios à atualidade do ativismo antirracista no futebol	41
<b>5 PUNHO CERRADO: MATERIAL DIDÁTICO E LÚDICO ANTIRRACISTA</b>	<b>51</b>
Taça Leônidas da Silva	51
5.1. Atividade 1: Respeite as minhas cores:	51
5.2. Atividade 2: Cabecea(dores): entre o campo de futebol e da Sociologia	52
5.2.1. As regras e as cartas:	54
5.3. Atividade 3: Mesa redonda:	60
<b>6 "NA BACIA DAS ALMAS": CONCLUSÃO</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO: ACESSANDO O MATERIAL</b>	<b>72</b>

## 1 "AUTORIZA O ÁRBITRO": INTRODUÇÃO

Este trabalho, situado no campo da Educação, da Sociologia do Ensino Médio, Sociologia do Racismo e da História Social do Futebol, tem como objetivo geral discutir a temática “desigualdades étnico-raciais” impulsionada pelas formas de resistência negra e/ou do ativismo esportivo das e dos jogadores de futebol contra o racismo através de material didático lúdico e antirracista que auxilie as/os docentes a abordarem a temática em sala de aula. Para além deste objetivo, busca-se:

- Problematizar as concepções de racismo presentes no senso-comum: individualista e institucional. Ademais, pretende-se apresentar e discutir a “concepção estrutural” do racismo;
- Propor uma reflexão crítica sobre o tema do ativismo antirracista no futebol a partir de uma abordagem lúdica;
- Expor a universalidade do racismo através dos casos de discriminação racial em diferentes lugares do mundo, sobretudo no Brasil, considerado, no nível do senso-comum, o “país do futebol” e da (dita) “democracia racial”.

Visto que o futebol é o esporte com maior número de adeptos no Brasil (BRASIL, 2015), viu-se como força motriz para a discussão do racismo em sala de aula. Mostraremos a seguir que o racismo está presente em todas as esferas da sociedade, do indivíduo às instituições. Entretanto, como dirá Silvio de Almeida na obra *"Racismo Estrutural"* (2019), é preciso ir além destas duas concepções, visto que, para ele, “o racismo é parte da ordem social” (ALMEIDA, 2019, p. 47). Ou seja, se o racismo se faz presente na política, na economia, no sistema judiciário, no esporte etc., e se é corporificado através das agressões ou micro agressões humanas, se é materializado pelas e nas instituições, é devido ao seu caráter estrutural.

Destinam-se estas atividades para as/os estudantes do ensino médio regular, do primeiro ao terceiro ano, conforme planejamento prévio das escolas e dos/das professores/as. Ainda que haja um público-alvo específico, nada impede que este trabalho seja aplicado em outros ambientes como os de educação não-formal, a exemplo de ONGs, Movimentos Sociais, Sindicatos, entre outros. O desenvolvimento deste material está ancorado na Lei 10.639/2003 que visa incluir a História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar e é orientado pelas normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ao pensar em uma elaboração estivesse relacionada com as principais contestações antirracistas e a resistência das/dos negros ao longo da história do futebol, optou-se, para melhor aproveitamento da temática, dividi-la em três etapas. Estas, integrarão um “campeonato”, que aqui chamaremos de *Taça Leônidas da Silva*, com duração ideal de três aulas com elaboração de tarefas em casa. O campeonato incluirá as seguintes atividades: 1) *Respeite as minhas cores*; 2) *Cabeceira(dores)*; 3) *Mesa redonda*.

Para a elaboração desta proposta de intervenção, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a exemplo das obras “*O negro no futebol brasileiro*” de Mário Rodrigues Filho, “*Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*” de Gilmar Mascarenhas, “*Sociologia do Futebol*” de Ricardo Giulianotti e “*Liga da Canela Preta*” de José Antônio dos Santos, bem como revistas esportivas, jornais, artigos, páginas da web e, sobretudo, os dados quantitativos e qualitativos desenvolvidos pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol e publicados em relatórios de 2014-2021.

Os dados disponibilizados pelo 7º Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2021) mostram que 49% dos casos de discriminação no futebol são incidentes raciais e destacam-se quanto aos demais. A existência deste projeto advém não apenas de interesses pessoais e acadêmicos, mas por enxergarmos um problema sociológico latente que deve ser investigado com mais afinco e utilizado, dado sua popularidade, para questionar os discursos presentes no cotidiano – como o “de que no estádio pode-se tudo” ou o do racismo como um “fato isolado” - e as narrativas que ao longo da história estereotipam os negros e negras.

Durante o Estágio Docente em Ciências Sociais, me propus a descrever o que via dentro da escola, com o maior número de detalhes. Minha ambição era etnografar aquele espaço, desde a prática docente até o que os/as estudantes vestiam. Me chamou a atenção as inúmeras camisas de clubes europeus dentro de uma sala de aula, sobretudo nos meninos. As alunas vestiam, volta e meia, uma camisa de clube, mas dos locais. Com a chegada da Copa do Mundo, estas aparições, já em verde e amarelo, aumentaram um pouco mais a presença do futebol no território escolar. Visto que os livros didáticos não trabalham com a noção estrutural do racismo e poucos propõem uma discussão sobre este tema a partir do futebol, creio que este material didático tende a contribuir com as novas abordagens neste quesito e através do cotidiano das e dos estudantes. Portanto, este projeto insere-se na intersecção entre os temas do ativismo esportivo, educação antirracista e ludicidade. Até o momento, este trabalho, síntese de inúmeros ensaios feitos durante a graduação e que

colaboraram para o seu desenvolvimento, aparece de forma autêntica dentro dos campos em diálogo.

Vejo com incompletude a tentativa de dissociar este trabalho do meu contexto. A cada frase a mais que escrevo para este trabalho, me questionava as origens que me trouxeram até aqui. Decidi, por essa inquietação que me assolava, trazer as raízes que me fazem apostar na ludicidade, na arte e nos jogos.

Em 2017, tive contato com a obra "A construção social da realidade", de Peter Berger e Thomas Luckmann (2017), que se destaca e se faz necessária no campo das Ciências Sociais, visto que concebe o sujeito como um reflexo dos familiares, inicialmente, e na sequência das instituições. Os hábitos, práticas, costumes e habilidades, solidificam a história de quem nos deu origem, por nós conhecidos ou não. Isto, pois logo que nascemos dá-se início ao que os autores chamaram de Socialização Primária.

Podemos assim dizer que esta ocorre como um espelhamento parcial cuja referência primeira é o Outro. Sobre a criança, escrevem-se as primeiras noções comportamentais, linguísticas e culturais. Em um primeiro momento "constitui a base [...] da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido" (BERGER; LUCKMANN, 2017, p. 168). Esse processo é mister para a interiorização da objetividade, ou seja, a subjetivação da sociedade e suas normas de convivência. É neste momento também que os papéis sociais, estes relativos à cada sociedade, são inculcados pelas crianças visto que não há outro mundo que não este para tomar e chamar de seu.

Ainda que, como pontuam os autores, a criança não seja passiva durante o processo, são os adultos que regem as regras do jogo. Portanto, a Socialização Primária é o processo que estrutura os significativos, constituindo, então, "o primeiro mundo do indivíduo" (*ibid.*, p. 175).

E quais significativos têm me constituído enquanto sujeito? Qual a relação entre biografia e obra venho propor por meio desta autoanálise?

Eu venho de uma família de artistas que não saíram do anonimato. Quero dizer que, apesar da qualidade técnica que particularmente admiro, não há ninguém que tenha obtido um lugar de destaque na mídia, por exemplo. Não há ninguém que pelo sobrenome exale fama. Justamente por este motivo, o que direi aqui são frutos das memórias coletivas que circulam há anos entre familiares com quem convivi ou ainda convivo, visto que não há registro histórico até onde pude pesquisar.

Dito isso, começo pelo meu bisavô mater-paterno, Walter Chagas da Silveira, publicitário responsável pelas artes da Pepsi-Cola na cidade de Pelotas. Um dos trabalhos no qual se sobressai, e que temos o registro fotográfico, foi no Carnaval Pepsi-Cola, quando ficou responsável pelo pórtico do evento, entre outros enfeites, patrocinado pela empresa. Isso nos anos de 1950, quando ser artista não contava com as facilidades de hoje com advento das redes sociais digitais, seja para a divulgação do trabalho quanto para a aprendizagem. Meu bisavô, reza a lenda, é criador do "Jogo da Barata"<sup>1</sup>. Este vem passando de geração em geração através da oralidade. Mais recentemente, meus primos foram ao encontro dessa tradição, se assim pode ser chamado.

Além dele, meu bisavô pater-paterno, José Meurer Filho, era exímio marceneiro, mesmo que não por profissão, velejador e escoteiro. Ele construía aos netos e bisnetos brinquedos de madeira como guindastes articulados. Aos filhos, estes já adultos, lhes presenteava com enfeites de Natal, quadros entalhados, xilogravuras e soldadinhos de chumbo. Há quem diga que ele tenha feito um remo de canoa havaiana em sua própria oficina.

Cito, também, a minha avó-materna, Ivete Witter, artesã. Ela fazia bonecas de pano, peso para porta em formato de animaizinhos, mochilas, flores de fuxico e tudo que via nos quadros sobre artesanato nas emissoras de TV aberta, muitas vezes sem o molde em mãos. Para além da sua habilidade com trabalhos manuais, lembro do seu tato para plantas e das disputas de canastra entre ela, minha mãe e minhas tias.

Para encurtar parte do porquê escrevo este projeto propondo uma intervenção gamificada e lúdica, a artistagem é um arcabouço que herdei por meio desta interação familiar que chamamos de Socialização Primária. Para mim, é impossível distanciar meu ímpeto da minha relação entre meus avós e bisavós; dos meus tios-avós e tios, entusiastas da vela, da fotografia e da música; das minhas tias e da minha mãe, que aprendeu parte do faz hoje com a minha avó, tanto no artesanato quanto no ramo de doces, e que me transmitiu o *éthos* lúdico dos jogos de tabuleiro nas tardes que passamos na Ludoteca da Casa de Cultura Mário Quintana ou, também, através dos videogames.

Para além desta, a Socialização Secundária, a "interiorização de 'submundos'" (*ibid.*, p. 178) ocorre a partir dos atravessamentos das estruturas institucionais, sejam elas escolares, penitenciárias, religiosas, partidárias, etc. É uma complementação sobre a base da primeira socialização. Por mais peso que esta possa apresentar, inclusive para contrapor preceitos e preconceitos incorporados, a Socialização Primária não se dissipa totalmente com a presença de outros hábitos ou outras noções morais, dada a imbricação da afetividade na relação pais/mães e

---

<sup>1</sup>Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1MqzLC6Aicov341Y7LHV9VqrHkLCdMgs/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1MqzLC6Aicov341Y7LHV9VqrHkLCdMgs/view?usp=drive_link)

filhos/as. Ainda assim, a Socialização Secundária é importante para constituição do ser social que somos, sobretudo pelo motivo da Educação se inserir nesta etapa do devir humano.

Para os autores, "o desenvolvimento da educação moderna é a melhor ilustração da socialização secundária realizada sob auspícios de organizações especializadas", pois é na escola que se estabelece uma ruptura gradual com o mundo construído na primeira infância, quando o senso comum começa a ser problematizado pela ótica da ciência.

Durante a elaboração deste trabalho, imagens da minha afinidade com o futebol, muitas vezes negada em ambiente de militância sob o argumento de que este esporte promovia a alienação, iam surgindo à minha cabeça, e isto talvez explique mais um ímpeto em concretizá-lo. O futebol é o único esporte que me permitiu presenciar feitos históricos. Nascido em 1997, não vi as vitórias do Ayrton Senna, que mobilizavam os brasileiros aos domingos, mas fui testemunha ocular de grandes feitos como o pentacampeonato da Seleção Brasileira em 2002 que, mesmo criança, lembro de estar contagiado pela sensação de pertencimento à nação. Ainda é vivida a memória do *jingle* "Torcida Coruja", campanha da época em que os jogos eram transmitidos na madrugada por serem sediados no Japão e na Coreia do Sul, cuja diferença horária é de doze horas.

Anos mais tarde, assisti à Libertadores da América em uma televisão de tubo embutida em um guarda-roupas quando morava em uma casinha de madeira perto do Morro do Osso. Com algum esforço, era possível ver pulsar as luzes do antigo Estádio Beira-Rio. No final do mesmo ano, vi o Mundial do Clubes de 2006, vencido pelo Sport Club Internacional, meu time, contra o gigantesco Barcelona. Pois dos pés de um homem pardo, que carrega consigo o nome da desigualdade social e da fome, sai o gol que pôs os catalães de joelho em terra. O criticado Adriano Gabiru hoje me faz compartilhar da leitura de DaMatta (1982) quando diz que o futebol é o único esporte que um time de menor expressão tem chances de derrotar um gigante. Ainda que, como diz o jargão, "a bola não entra por acaso", o futebol tem um quê de magia. Foi o que aconteceu naquela manhã do dia 17 de dezembro.

Se eu escrevo hoje sobre futebol é graças a uma trajetória que vem desde a minha terceira série do ensino fundamental, quando escrevíamos crônicas esportivas - à nossa maneira - sobre a Copa do Mundo da Alemanha. Depois, em 2010, desenvolvemos um trabalho para a disciplina de Educação Física sobre a Copa do Mundo da África do Sul. Tirei a nota máxima. Atualmente, entendo porquê. Colecionei - e coleciono - figurinhas que as guardo até hoje e que me deu ideias de como elaborar as cartas de uma das atividades. Nada é à toa. Esta relação, ora suprimida, ganha vida com a elaboração deste material didático.

Quanto à questão étnico-racial, um dos eixos deste trabalho, esta aparece durante o ensino-médio quando os meus paradigmas ruíram em função das Manifestações de Junho/Julho de 2013. A partir deste ano, pude problematizar e desnaturalizar meu entorno, minha condição socioeconômica, privilégios e preconceitos, muitas vezes naturalizado como “piada”, o que acabou fazendo jus ao bordão "hoje a aula é na rua".

Posteriormente, ao longo da graduação em Ciências Sociais, tanto na disciplina de Sociologia do Racismo e da Desigualdade Racial quanto no convívio com os colegas, pude repensar o lugar em que estou inserido. Sou um homem branco de e família majoritariamente branca, alocado no Sul do Brasil, nada mais do que, como afirma Almeida (2019), um “homem universal”, logo, reitero, branco, cisgênero e heterossexual. Visto que esta é uma característica fenotípica inata a mim e irreversível, no caso, a raça ou a categoria nativa de "cor" (GUIMARÃES, 2003), ao contrário do gênero e da sexualidade, transmutáveis, proponho-me a estudar o racismo e, dentro dos ambientes que ocupo, me aliar à luta antirracista por via da Educação. No entanto, não me parece contraditório escrever sobre racismo apesar da minha condição de existência, pois, se pensarmos de modo pragmático, há uma legislação que exige que os/as educadores/as abordem os contributos da cultura africana e indígena em sala de aula. Por outro viés, esta proposição, foi a forma que encontrei de utilizar da estrutura que me privilegia contra ela mesma. Não anseio ocupar e protagonizar o lugar daquelas e daqueles que sentem o racismo pelas entranhas. Desejo apenas utilizar minha criatividade para contribuir de alguma forma para o fim desta chaga social.

Ainda sobre o espaço acadêmico, alguns professores, professoras e suas obras me impulsionaram a pensar em novas formas de "dar aula", que agora chamo de metodologias ativas. Mesmo não tendo trabalhado especificamente com esse conceito, há quem vale ser citado/a.

Entre os meus caminhos e minhas andanças, me deparei com a sombra de uma mangueira e, sob ela, uma salamandra um tanto quanto audaz tentando escalar ao topo de seus galhos. Nessa disputa entre um e outro, me fiz um pouco de ambos. Paulo Freire (2018; 2019) me ensinou que ensinar é aprender, enquanto Sandra Mara Corazza (2019) me mostrou possibilidades de transcriar a Sociologia. Não posso deixar de citar aquela que ora afaga e acolhe os/as docentes, e que ora tira uma lição de dentro da bagagem, bell hooks.

Hooks (2017) observou que o pensamento crítico é capaz de causar incômodo, dor, às e aos estudantes. Elas e eles são provocados a abandonar o antigo modo de pensar a Sociedade pela via do senso comum e questionar as relações sociais inerentes à nossa vida. Durante o período em que atuei como estagiário, este era um dilema que me causava ansiedade e dúvidas sobre meu trabalho.

Por vezes, mesmo tentando promover um espaço aberto e democrático, sobretudo para críticas, a apatia ecoava silenciosamente e me ensurdecia. No entanto, é preciso paciência. Para dar início aos jogos educativos e as atividades lúdicas, é mister transgredir a zona de conforto e o *modus operandi* "bancário" que contamina o espaço escolar, mesmo que em doses homeopáticas. Este projeto se legitima por apresentar uma contraposição à educação tradicional que perpetua essa relação coisificada entre professores/as e estudantes.

A relação entre docente e discente, a do-discência (FREIRE, 2019) calcada no diálogo, possibilita que ambos construam o conhecimento e coletivamente resolvam os dilemas propostos por cada geração. Por mais que eu estude a temática sobre desigualdade étnico-racial, há questões que apenas o contato com as e os estudantes me fazem repensar minhas práticas diárias. Ou seja, passo pelo mesmo processo dos e das estudantes comentado por bell hooks (ibid.) de me desapegar de pensamentos racistas, LGBTfóbicos e machistas do dia-a-dia que nunca antes havia me distanciado e analisado. Às vezes, o contato com a juventude faz com que nos sintamos retrógrados, mesmo quando a faixa etária é relativamente próxima à nossa. E isso, além de ser positivo por nos colocar novos desafios pessoais, nos constrói novos paradigmas de docência. É o que dirá Aquino (2014), que para ter a "a chave-mestra para a transposição do existir docente" é preciso "furtar a jovialidade dos alunos; apossar-se de sua gana por novidade; solver a seiva da vida que lá se insinua irrefletidamente; vampirizá-los" (p. 30).

Para concluir, tenho a dizer que se me aproximo das metodologias ativas não é por causa de um dom natural, nem porque repentinamente me interessei pela temática da ludicidade, nem do futebol e do antirracismo. A verdade é que sou fruto dos dons sociais, do *cursus* da minha família, do acesso aos bens culturais e do capital cultural que, através das socializações, que me constituíram, ora no ensino fundamental, médio ou superior. Ou seja, a minha trajetória biográfica, minha constituição familiar, escolar e afetiva, meus privilégios, aqui já referidos, dão indicativos do porque eu me proponho a fazer este trabalho. Reproduzo, em certa medida, aquilo que interiorizei, seja como artista ou como jogador, como graduando ou, em outros tempos, ativista. Ao passo que através da perspectiva antirracista, nego aquilo que da mesma forma me foi gravado durante alguma das minhas socializações, especialmente em uma região racista como o Sul do Brasil.

Este foi o mundo que inculquei e *um* dos mundos (que tento) possíveis.

Ser é processo.

## **2 SE A REGRA É CLARA, QUE A TORNEMOS NEGRA: COMBATE AO RACISMO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIOLOGIA ESCOLAR**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2018 após as controvérsias acerca da sua elaboração, traz, em seu conteúdo, diretrizes que reiteram a existência das Leis nº 10.639 de 2003 e a 11.845 de 2008. A primeira versa sobre a inclusão obrigatória da temática História e Cultura Afro-Brasileira:

[...] a luta dos negros no Brasil, cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003, online).

A segunda modifica a primeira ao incluir na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9.394/96) como conteúdo programático obrigatório os contributos dos povos indígenas.

A BNCC é dividida em seções que correspondem a cada área do conhecimento. Dentro da seção, há um breve resumo com os objetivos (ou anseios) da disciplina, que cada educador ou educadora, de sua respectiva área, poderá aplicar durante a prática docente. A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio, a qual nos interessa, menciona como dever o aprofundamento dos conhecimentos vistos na etapa anterior, o Ensino Fundamental, “sempre orientada para uma formação ética [...] [tendo] como base as ideias de justiça, liberdade [...] o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza” (BRASIL, 2018, p. 561). Como a área de Ciências Humanas e Aplicadas abarca outras disciplinas para além da Sociologia, a BNCC divide-se em Competências Específicas e Habilidades, sem especificar ao certo o que é referente a cada uma. Sendo assim, estas orientam o que pode ser trabalhado em sala de aula, ainda que cada educador ou educadora se aproxime de algumas competências dadas à proximidade do seu campo de estudo, e renuncie a outras, abordadas pelas demais matérias. Dito isso, este projeto está orientado pela Competência Específica 5, sobretudo pela Habilidade EM13CHS502 da BNCC:

O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais etc.) [...] relativizar costumes e perceber a desigualdade, o preconceito e a discriminação presentes em atitudes, gestos e silenciamentos [...] (BRASIL, 2018, p. 570).

(EM13CHS503) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, condutas etc.,

desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação [...] discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las com base em argumentos éticos. (BRASIL, 2018, p. 577).

Entretanto, apesar das diretrizes da BNCC mencionarem a cultura africana e luta dos negros como componente curricular, propondo uma discussão sobre formas éticas e argumentativas de combater as desigualdades étnico-raciais, nota-se que, em sua redação, o racismo é conceituado a partir de concepção individualista (ALMEIDA, 2019, p. 36). Ao tratar este como um problema comportamental, reduz-se a noção de racismo à apenas uma culpabilização das pessoas, enquanto, na verdade, este se trata de uma relação arraigada nas estruturas da sociedade, inclusive da brasileira. Esta concepção, cujo foco volta-se para supostos “casos isolados”, de tal maneira como a concepção institucional, possui limitações que, muitas vezes, mascaram a raiz do problema. Ademais, a BNCC suprime o termo "político" em relação às argumentações apenas "éticas" em prol da luta antirracista e enfatiza a narrativa e a concepção eurocêntrica de história e sobre as histórias dos povos indígenas, africanos e asiático, isso em sua primeira versão (JUSTINO; CAGNIN; NOGUEIRA, 2022; VERASTEGUI, 2022). Na última, há aproximações com as Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-Raciais (DCNERER/2004), apesar não garantir a efetivação de mudanças no âmbito do planejamento programático das escolas (JUSTINO; CAGNIN; NOGUEIRA, 2022).

Durante uma análise documental, outra lacuna foi encontrada: a ausência deste termo *ipsis litteris - racismo estrutural* - nos livros didáticos. A Matriz de Referência para o Ano Letivo 2020 concebe o racismo como um resultado de “processos estruturais dominadores” (RIO GRANDE DO SUL, 2020, online), porém esta ênfase não é dada pelos livros. Todavia, para que não sejamos injustos com os autores dos materiais didáticos, esta ideia permeia, pelo menos, dois dos três livros analisados. Enquanto “Sociologia para jovens do século XXI” (OLIVEIRA; COSTA, 2010) dá um enfoque à crítica às instituições com dados e gráficos, expondo a desigualdade de renda e de acesso à universidade, “Sociologia hoje” (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2013), mesmo que breve, apresenta o conceito “estruturas de dominação”, pela ótica de Florestan Fernandes. Da mesma forma, “Sociologia em movimento” (SILVA *et al.*, 2016) cita em duas oportunidades o termo “estrutura” (hierárquica e social) no que tange às questões étnico-raciais.

A falta deste conceito nos materiais aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015 e 2018 não impede que o educador ou educadora trabalhe com esta noção em sala de aula. Entretanto, como não há maior aporte do material à disposição dos professores, abre-se a possibilidade de o/a profissional compor o seu próprio guia. Silva e Freitas (2017), por exemplo, ao

perceberem uma dificuldade semelhante à disciplina de História, criaram o seu próprio material e lançaram mão dos jogos como um recurso didático. Elas afirmam que a presença de negros e negras está restrita ao período do Brasil Colonial nos livros da disciplina. Segundo Mocelin e Raizer (2014), esta é uma tendência entre os professores de Sociologia no Ensino Médio, visto que 24% declararam não usar o livro didático, preferindo desenvolver o seu próprio material. Nota-se que este número ganha destaque para aqueles formados em Ciências Sociais (MOCELIN; RAIZER, 2014, p. 117).

Silva e Freitas (2017), no âmbito do produzir um material que versasse sobre as relações étnico-raciais, lançaram mão das tradições regionais da Congada e da Festa do Rosário como impulsionadoras. Eles tinham como objetivo romper com temas universalizantes dentro da disciplina, mas, a meu ver, sua estratégia vai além e explora características que aproximam o/a estudante de sua realidade e cultura, a cultura popular, da sala de aula. Na mesma busca das autoras por um ensino que valorize a cultura popular, vimos no futebol e, mais especificamente, no ativismo esportivo das e dos jogadores de futebol e nas formas de resistência negra, um caminho fértil para elaborarmos um material didático e lúdico para preencher as lacunas que mencionamos.

Como eixo metodológico, a abordagem da pedagogia crítica, a qual adotamos neste caso, parece ir ao encontro de uma proposta de intervenção antirracista como a nossa. Com ela, busca-se romper com o que Freire (2018) denominou de "educação bancária" e, a partir desta oposição ao modo tradicional de ensino, tecer os conteúdos da Sociologia com o cotidiano dos atores presentes no espaço escolar. Por mais que existam aqueles/as que não gostam de futebol, é improvável que nomes como o de Pelé e de Marta sejam desconhecidos ou não provoquem nenhuma sensação de pertencimento, lembranças, mesmo para os que não os viram jogar, ou opinião.

Tendo o intuito fornecer noções de ordem sócio-histórica acerca do futebol e sua(s) história(s), este trabalho se propõe, ainda, se inserir na execução de uma "Sociologia Viva", ou seja, através manipulação de um arcabouço teórico-sociológico que a partir da prática pedagógica adquira dinamicidade e que afaste-se do padecimento (MOCELIN, 2021a). Por meio da intersecção entre Educação, através das metodologias ativas (CAMARGO; DAROS, 2018; SILVA *et al.*, 2020) e da gamificação (ALVES; MINHO; DINIZ, 2014, BUSARELLO, 2016), das Ciências Sociais, ao abordar a trajetória do pensamento social brasileiro quanto à temática do racismo estrutural e da suposta democracia racial, e da História Social do Futebol, visa-se atender às demandas legais da BNCC e da Lei 10.639/03, pondo em ação um viés pragmático de currículo, intercalando e

conectando teorias, temáticas e a prática da pesquisa dentro deste campo chamado de Sociologia Escolar (MOCELIN, 2020; 2021).

### 3 “NÃO É UM JOGO JOGADO”<sup>2</sup>: METODOLOGIAS ATIVAS E GAMIFICAÇÃO

Seguindo o mesmo sentido de Dunning, a palavra *ludus* está etimologicamente relacionada à ideia de “brincadeira” e “jogos” (FORTUNA, 2000). Sendo assim, ao tratarmos destas intersecções que estamos propondo, pensou-se na construção de um material didático em formato de um campeonato que contém duas atividades lúdicas.

Os jogos e as atividades lúdicas, conforme ressaltamos em outro trabalho (MEURER; ANDRADE, 2021), permitem um melhor desenvolvimento da relação professor-aluno e um ânimo coletivo para o interior da sala de aula. Entretanto, quando nos dispomos a elaborar um material didático lúdico sobre a temática do racismo imbricado nas relações sociais e, conseqüentemente, no futebol, nossa intenção não é tornar este tema menos “sério”. Há uma percepção, do senso-comum, mas ainda vívida na escola, que não se aprende brincando. No entanto, quando se fala em “seriedade”, logo me vem a imagem de uma educação calcada na hierarquização dos sujeitos, no controle dos corpos a partir da disciplina imposta pela escola. A meu ver, lembra-me da posição do Santo Tomás de Aquino, mencionado por Retondar (2013) a quem atribui ao jogo - e seu excesso - um elemento que desvirtua o comportamento do indivíduo e a atenção para a fé por conta de seu “caráter absorvente envolvente” (RETONDAR, *ibid.*, p. 15). Mas o jogo deve ser compreendido com seriedade, pois, a partir do momento que se estabelece um espaço simbólico de disputas - um campo, um tabuleiro etc. - os atores incorporam os papéis propostos pelo “mundo de faz de conta” e, muitas vezes, quando há o excesso das emoções, os competidores chegam ao “extremo da desavença” (RETONDAR, *ibid.*, p. 29).

A ludicidade, o jogo e o imaginário no qual nós - docentes e discentes - imergimos através das atividades permite que a sala de aula deixe, pelo menos, de ser tediosa. Hooks (2017) dirá que “o prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia onipresentes que caracterizam o modo como professores e alunos se sentem” (p. 21). Por este motivo, na busca por um projeto prazeroso, que possa, de alguma forma, incidir socialmente ao problematizar o racismo através do ativismo esportivo, é que recorreremos ao campo da ludicidade.

---

<sup>2</sup> Esta expressão é usada nos noticiários e programas esportivos para se referir a um jogo que “está ganho”. Quem se propõe educador não-tradicional, nem sempre “ganha” (a atenção) dos/das estudantes.

Para que um jogo seja caracterizado como tal, é preciso que cumpra quatro requisitos básicos:

1. Acontecer dentro de um espaço e tempo definido entre os e as competidoras;
2. Promover a evasão da realidade;
3. A presença de regras que dirija e regule as ações; e
4. Ser uma atividade voluntária, ou seja, o jogador ou jogadora joga se quiser e para quando a atividade não lhe der mais prazer.

Quando nos deparamos com esses princípios básicos, jogar talvez não fosse possível caso não houvesse diálogo entre educandos, educandas e seus educadores ou educadoras. Neste sentido, a educação libertadora nos pareceu a mais adequada como noção pedagógica.

O processo de maturação deste material tem, no mínimo, quatro anos, apesar de ter sido escrito dentro do prazo previsto para um Trabalho de Conclusão de Licenciatura. A produção de um material didático lúdico, seja ele para qualquer disciplina ou temática, carece da "transcri(atividade)" daquele/a que se faz educador/a. Uso da grafia acima para dar ênfase ao processo de transcrição do conteúdo (CORAZZA, 2013; 2015), da atividade enquanto educador/a-pesquisador/a e da relação construída através do diálogo com os/as estudantes. Portanto, para o pleno desenvolvimento de materiais e sequências didáticas lúdicas como a que proponho, se faz necessário não só conhecer a teoria ou a temática a ser aplicada, mas saber como dela se apropriar, em uma espécie de antropofagia, e traduzi-lá.

O curso de Licenciatura, por vezes inferiorizado dentro da universidade, tem como uma de suas potencialidades pensar e promover a extensão dos princípios epistemológicos e científicos da academia para amplo público. Este, pertence às condições socioeconômicas, étnico-raciais, de gênero e sexualidade, emocionais e espaciais diferentes que, no nosso caso, formam o corpo - nada homogêneo - de educandos/as. Para afetar, *lato sensu*, quem comunicamos, é mister conhecê-lo através do diálogo, tendo clara a noção de que esta é uma relação de troca, em que quem ensina aprende e vice-versa. Por mais antagônicas que sejam as bases filosóficas de suas proposições teóricas, na prática a trama entre a Educação Libertadora de Paulo Freire e a Didática da Tradução de Sandra Mara Corazza não me parecem excludentes, mas complementares. Munido de ambas perspectivas, pude pensar o território escolar quando me fiz presente em dois momentos.

É cabal na minha trajetória, e para a idealização desse projeto, lembrar que participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid/Capes), na qual pude vivenciar um pouco do cotidiano escolar na região central da cidade de Porto Alegre. Como a liberdade para a "inventividade pedagógica" parecia ser também um princípio vindo da supervisão do Pibid, com o engajamento dos/das pibidianos/as assíduos posto em prática pode-se propor alternativas para o Ensino de Sociologia no Ensino Médio. As dinâmicas lúdicas desenvolvidas neste período estão presentes em outro trabalho (MEURER; ANDRADE, 2021). A outra vivência a que me refiro é o Estágio Docente em Ciências Sociais I e II, respectivamente no 8º e no 9º semestre.

Ao contrário da experiência anterior, optei por fazer o Estágio Docente em uma escola cujas condições fossem mais desafiadoras, quero dizer, quanto à infraestrutura à minha disposição. Nesta escola de Ensino Fundamental e Médio localizada na Zona Sul de Porto Alegre, notei que o futebol é um dos esportes mais populares entre os/as estudantes. Portanto, o levantamento do Diagnóstico Nacional do Esporte (2015), apesar de pouco atual, apresenta-se neste espaço. Os dados desta pesquisa apontaram que 42,7% dos brasileiros praticam futebol. Quanto ao recorte de gênero, o público masculino está em ampla maioria (66,2%). No Brasil, é um dos esportes mais praticados no território escolar, seguido do vôlei. Cabe mencionar que há uma concepção sobre qual desses esportes é socialmente adequado para cada gênero. Além disso, a facilidade de acesso aos meios para jogá-lo em um país tão desigual quanto o nosso, também o auxilia para sua popularização. Não é incomum vermos meninos, principalmente, chutando pedras, latas e garrafas na ausência de uma bola - e aqui me coloco não só como observador, mas como adepto -, da mesma forma que as traves podem ser feitas de paus, calçados, chinelos ou mochilas, jogado sobre a grama, o chão batido, a areia, o asfalto, o taboão de um ginásio, etc. O improvisado - ou gambiarra - para jogar futebol, ao menos na infância, parece fazer parte do próprio espetáculo. Apesar do caráter arranjado do futebol amador, os/as jogadores/as não jogam com menos seriedade, elevando o status de disputa a uma final de campeonato.

Essa popularidade se evidenciou no vestuário dos/das estudantes quando vi tanto camisas dos clubes locais ou estrangeiros circulando pela escola. Com o advento da Globalização, sobretudo na atualidade, o consumo dos campeonatos europeus, por exemplo, está mais difuso. E, ainda mais, que os/as jovens criem vínculo identitário com estas equipes de modo a transcender sua nacionalidade ou regionalidade, visto que um estudante torcia para o Flamengo, mesmo não sendo carioca.

Apesar da popularidade entre os meninos ser ampla maioria entre os adeptos, na mesma época ocorreram os jogos da Copa do Mundo. Por esse motivo, as meninas, em parte, também vivenciavam este momento de celebração coletiva com as cores da Seleção Brasileira de Futebol, assim como as camisas dos clubes locais. Com este projeto já em mente, refletia se meu material didático e lúdico não seria excluyente por conta desse apreço maior do esporte por parte dos meninos. Porém, na mesma época, a disputa entre Barcelona e Real Madrid, o "El Clàssic", pela Champions League Feminina contou com a presença de 91,5 mil pessoas, o recorde de público em uma partida da modalidade (COUTINHO, 2022). No ano seguinte, ano em que elaborei este trabalho, a Austrália e Nova Zelândia sediaram a Copa de Futebol Feminina com o maior número de torcedores/as presentes nos estádios e com ampla cobertura da mídia, seja ela por via das emissoras de TV aberta ou via streaming, com vasta audiência (VILA NOVA, 2023). Dito isso, prospecto que o futebol se tornará um esporte ainda mais popular e socialmente aceito para as mulheres.

O Estágio Docente Obrigatório, fragmentado entre observação e regência, se torna um espaço importante para apreender o "andar da carruagem". Fiz isto através de um relatório que seguia a forma de um diário de campo nos moldes da antropologia de Bronislaw Malinowski. Por sorte, tive mais uma vez a liberdade de, durante a regência, propor jogos e outras atividades que se distanciam do ensino tradicional e do método expositivo de aulas. Outro fator importante para aqueles/aquelas optarem pela construção destes materiais é ter em mente que não há espaço para acomodar-se frente às novas tecnologias. Busque saber sobre as plataformas digitais gratuitas, softwares, repositórios, aplicativos, etc. Estes auxiliam desde a construção dos elementos gráficos até à pesquisa em si. Ademais, considero relevante aproveitar, na medida do possível e conforme cada realidade e condição, o tempo e espaço das disciplinas do curso de Licenciatura. Cada uma tem um objetivo e, se o engajamento for possível, isso auxiliará na construção da temática, o que serve de atalho para as decisões futuras na hora de materializar o estudo em um Trabalho de Conclusão de Licenciatura.

Em síntese, um caminho para elaboração de jogos e materiais didáticos se faz a partir desta postura de "educador/a-pesquisador/a transcri(ativo) e inquieto/a". A árdua tarefa dos/das licenciandos/as do Curso de Ciências Sociais de trazer vida ao Ensino de Sociologia, e para a valorização dos/das profissionais em Ciências Sociais no geral, não pode ser menosprezada pelo campo acadêmico, lançando mão de uma metáfora futebolística, a "Série B" da graduação. Porque o/a bom/boa jogador/a, sobretudo se a situação vivenciada pela sua equipe é péssima, tem total

potencialidade de reverter o aspecto anímico do coletivo e motivar seus/suas companheiros/as para uma virada histórica. E é desta forma que enxergo a minha responsabilidade quando proponho a adesão das metodologias ativas, e da responsabilidade coletiva dos/das licenciandos/as em transformar a perspectiva do senso-comum sobre a importância das Ciências Humanas e Sociais.

A aplicação das atividades proverá ao e à educadora a maturação sobre a prática docente não tradicional, utilizando das metodologias ativas e dos jogos como recursos. Visto que o ou a educadora não mais deposita os conteúdos em “sujeitos” reificados, a que Paulo Freire se referia como “educação bancária” (FREIRE, 2018), a relação é de mútuo saber e aprendizado. As e os educandos, por essa perspectiva, educam a ou o educador. Desta forma, se as regras propostas pelas atividades não condizem com as demandas da turma, alteram-se; se o jogo precisar de mais de um período de 50 minutos para ser aplicado, dentro das possibilidades, ampliamos o tempo. E, assim, vamos recriando nossa prática e, também, a nós mesmos.

Como já dito, pretendemos realizar três atividades dentro de um mesmo projeto. As metodologias que guiam esse trabalho são a Pedagogia de Projetos ou Perspectiva Educativa de Projetos de Trabalho (PEPT) e a gamificação. A primeira foi adotada pelo mesmo motivo como esta elaboração foi feita, logo, utilizando referências de diversas áreas do conhecimento. Segundo Silva *et al.* (2020), esta perspectiva volta-se para a transdisciplinaridade, para a construção autônoma do conhecimento, valoriza o processo de crescimento e apreensão de conceitos por parte dos e das estudantes, além de combinar o trabalho com a comunidade escolar. Já a gamificação, cujo nome indica o princípio da “utilização de mecanismos e sistemáticas de jogos” (BUSARELLO, 2016, p. 13), busca o diálogo com as novas gerações. Através desta metodologia ativa, almeja-se o desenvolvimento da cooperação, engajamento e a resolução de problemas de forma colaborativa (ALVES; MINHO; DINIZ, 2014), tornando o ambiente de sala de aula menos monótono e mais participativo.

## 4 "SOU DA TORCIDA QUE CANTA MAIS ALTO E CORRE OS RACISTAS": HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL E ATIVISMO ESPORTIVO ANTIRRACISTA

### 4.1. Por uma e outras histórias de futebol: panorama histórico

Desde a sua origem, há uma relação de proximidade entre os esportes modernos e a política (DUNNING, 2014). O ciclo de violência instaurado na Grã-Bretanha do século XVII durante as disputas entre dinastias e levantes revolucionários pode ter sido um dos fatores responsáveis por este elo. Voltando os olhos para o século em questão, é possível imaginar o quão hostil estava a região dadas as disputas no ou contra o Império inglês: Guerra dos Cem Anos (1337-1453), Guerra das Duas Rosas (1455-1485), Guerra-Civil Inglesa (1642-1651), conflitos entre Henrique VIII, suas diversas esposas e a Igreja Católica, da mesma forma que as desavenças entre Elizabeth I e a meia-irmã Maria Tudor.

Os confrontos nestas duas esferas da sociedade britânica passaram pelo que o Eric Dunning, discípulo de Norbert Elias, chamou de “processo civilizatório”. Ao fim desse período, as disputas ganharam novos contornos e, visando estancar a sangria aberta durante o período anterior, a parlamentarização assumiu o lugar da violência física cerradas por conjunto de regras e comportamentos, assim como no esporte. Tanto o boxe, quanto o futebol, e outros esportes mais tradicionais da região como a caça da raposa passaram por um processo normatizador. Assim sendo, o esporte tornou-se uma maneira moderada e racionalizada de resolver as rivalidades. As antigas batalhas campais, agora, ocorriam dentro de uma arena, de um campo, em resumo, de um espaço definido, e sob um regulamento onde excluía-se a prática de extermínio real do outro. Isto se dará de forma simbólica através do jogo. Portanto, eles dirão que o processo civilizatório permitiu que as antigas batalhas reais, com o uso da força e da violência, fossem "esportificadas". Já no Parlamento, as disputas políticas cuja resolução se dava por vias bélicas, foram substituídas pela capacidade oratória e persuasão.

O futebol, antes de vir a se tornar o que conhecemos, era praticado de forma desordeira e visto com maus olhos pelas elites. Este, cuja origem ainda é incerta (GALEANO, 2020), chamava-se de *folk football* ou futebol primitivo (MASCARENHAS, 2001; 2014; GIULIANOTTI, 2010a). Descrito como um jogo "não civilizado", há indícios de que cizânias passadas resolviam-se durante a partida por meio do combate físico. Socos, lutas, pontapés, uso de punhais, causavam

graves ferimentos ou até mesmo a morte. Ao contrário do futebol moderno, nos séculos XIII e XIV não havia delimitação do campo, nem esquemas táticos (idem).

Diversas formas deste *folk football* foram praticadas e, a depender da localidade, o jogo tinha diferentes motivações, objetivos e, ainda que poucas, regras. No continente europeu, onde hoje fica a França, os gauleses, ao Norte, jogavam em um rito ao Sol. Já os camponeses, desde a Idade Média, jogavam o *soule*, enquanto os celtas praticavam o *caid*, os escoceses o *ba' game* e os florentinos o *calcio*, semelhantes ao *rugby*. Acredita-se que muitos destes tiveram origens no “*harpastum* romano ou no *episcyros* na Grécia” (idem, p. 15).

No descentralizar do nosso olhar, tal como faz Ricardo Giulianotti (2010a), descobre-se que em outras sociedades não-europeias já havia vestígios deste jogo. Nas Américas, os colonizadores encontraram os povos originários do Norte jogando o *pasuckquakkohowog* por volta do século XVII. Entretanto, há estudos que apontam a prática esportiva dos indígenas em 1500 a.C. no Amazonas e no Extremo Sul, no Chile e Patagônia, chamados de *pilimatun* e *tchoekah* (idem, p. 15). Não é à toa que nos jogos indígenas do Brasil, até hoje, é jogado o *jikunahati*, também conhecido como *futebol de cabeça*, cuja bola “é feita de leite de mangaba [...] e moldada no sopro” (TENÓRIO, 2015, online).

Na América Central, arqueólogos estimam haver “aproximadamente 1500 [...] campos de jogar bola” alocadas no coração das cidades maias (LONDOÑO, 2015, p. 115). Representados nas cerâmicas e afrescos, o nascimento dos *juegos de pelota*, também chamados de *pok-ta-pok*, entre os maias e *ullamalitzli* entre os astecas, teria como berço a cultura olmeca, nome este que significa “povo da borracha” (CARTWRIGHT, 2018), em alusão tanto a flora local, rica em seringueiras, quanto à prática do esporte difundido pela Mesoamérica. O número de participantes podia variar entre duas a sete pessoas e era jogado com uma bola feita de *hule* que, remetendo aos astros, deveria se manter sempre em movimento. Ao contrário do *rugby*, do *football* e de outros esportes de bola, apenas o quadril e o peito poderiam tocá-la. Vencia o jogo aquele que pudesse a bola dentro de um aro de pedra.

Especula-se que as diferentes dimensões entre um muro e outro, que formavam as canchas - de 16 a 96,5 metros -, está relacionada com a função do jogo. As quadras mais singelas e com menores proporções eram utilizadas para aprendizes, enquanto as maiores abrigavam jogos solenes, profissionais, possibilidade cujas investigações não descartam, e por nobres. Segundo Londoño (idem, p. 116) “investia-se tempo e esforço para jogar bem a bola” visto que “destacar-se no jogo seria uma forma de distinção”. Central nas culturas mesoamericanas, os jogos de bola compõem a

mitologia maia citada nos manuscritos dos colonizadores, conhecido como *Popoh Vuh*, como o esporte que suscitou “a ira dos senhores de Xibalba, o mundo de baixo” (idem, p. 113). Na sua cosmovisão, os gêmeos Hun Ah Pu e X Balam Ke, na terra, voltaram a jogar bola, o que enfureceu Xibalba novamente. Vencedores, cada gêmeo originou um astro, no caso, o Sol e a Lua. Ademais, cabe ressaltar que os *juegos de pelota*, em um sentido mais prático, tinham como funcionalidade a resolução de conflitos, pois simbolizavam um campo de batalha. Quando derrotados, os jogadores prestavam obrigações aos vencedores ou lhes pagavam um prêmio ao final da partida. Havia, também, jogos com o caráter de afirmar a superioridade política em que “uma das equipes poderia ser composta por prisioneiros de guerra” (idem, p. 119). Neste caso:

O resultado final não só era previsível como também estava prescrito e preparado. O time dos prisioneiros era derrotado pelo time dos vencedores. Nesses casos, a vitória era atribuída à proteção dos deuses, ao poder do rei e à força e habilidade dos guerreiros/jogadores locais, que teriam ostentado, de novo, no campo do jogo de bola a superioridade alcançada no campo de combate. Por sua vez, a derrota era atribuída pelos vencedores à falta de proteção das divindades cultuadas pelo inimigo e à fragilidade e inferioridade de seus reis, senhores e guerreiros (LONDOÑO, 2015, p. 119).

No continente asiático, mais especificamente na China, fabricavam-se bolas de pedra em Shan Xi para que fossem chutadas (GIULIANOTTI, 2010a, p. 15). Posteriormente, os chineses deram início à prática do *cuju* (“chutar a bola”). Conta-se que ao derrotar as tropas de Chiyou, Huangdi, o "Imperador Amarelo", preencheu com palha o estômago do seu inimigo e, ao jogá-lo aos seus soldados, criou o *cuju* (LEITE JÚNIOR; RODRIGUES, 2018). Por este motivo, atribui-se à Dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.) a origem deste esporte, e do futebol, por trazer desde o início, diferentemente dos outros citados, princípios que viriam a se fazer presentes no *folk football* europeu e no futebol moderno.

Em África, carece de maiores pesquisas por parte dos acadêmicos, das cientistas sociais e outras áreas, sobre os esportes (VIDACS, 2010), suas raízes e a presença dos jogos de bola no continente. Apenas nos registros arqueológicos do Egito encontra-se, na tumba de Baqet III, representações de mulheres jogando bola, possivelmente uma para as outras, ao que hoje chamamos de malabarismo (GAMA-ROLLAND, 2017). Quanto aos praticados pelos homens, encontrou-se o registro de um jogo em que tacos eram usados para bater na bola. Sua função era “destruir o olho mau da serpente Apófis” (idem, p. 9). Para a cultura egípcia, os jogos possuíam um lugar de destaque, seja para o entretenimento, para o treinamento militar e misticismo, como no atletismo, na natação e no *senet*, jogo de tabuleiro representado nas tumbas que significa “passagem” cujo adversário poderia ser Osíris, deus do Além (SENET,... 2019).

Ainda que haja poucos registros sobre os esportes nos demais povos originários de África, caberia um capítulo à parte sobre a inserção do futebol moderno no continente através da invasão dos colonizadores. Entretanto, como não será possível, ao menos neste trabalho, trazer estes pormenores, a seguir mostraremos a difusão do futebol moderno nas Américas e em África.

Com a expansão do Império e do capitalismo inglês, o futebol moderno chegou, primeiramente, às zonas portuárias europeias. Dado o fluxo migratório e comercial, Liverpool, cidade conhecida por suas docas, foi considerada a cidade base do futebol (GIULIANOTTI, idem, p. 21). Ainda na Europa, em 1872, é fundado o primeiro clube de futebol fora da Grã-Bretanha, em Le Havre, na França. Lá, os esportes desembarcaram junto dos ingleses no porto local. Esta fórmula que explica a difusão do *association*<sup>3</sup> inglês, no entanto, deve ser relativizada. De fato, a introdução deste esporte moderno se deve também às redes comerciais britânicas, mas não só. Os marinheiros, após descarregarem as mercadorias, praticavam o futebol em seu tempo livre. Todavia, por serem “socialmente autosegregados”, a imitação e a assimilação local, dos nativos (MASCARENHAS, 2014), foi fator importante para solidificação do jogo. Deste modo, o futebol chegou à Gênova, Bilbao, Rotterdam, etc.<sup>4</sup> Outras localidades europeias foram similarmente influenciadas pelo comércio marítimo e seus trabalhadores. No entanto, é necessário atribuir a difusão do esporte para outros atores, como professores e alunos bretões, seja porque "organizavam jogos em solo estrangeiro", ou através da implementação de escolas (GIULIANOTTI, idem, p. 23), casos da Suíça, Alemanha e Rússia. Ademais, artesãos escoceses e trabalhadores do algodão da Inglaterra foram os responsáveis por levar o jogo para a Holanda, Suécia e para o subúrbio carioca, na cidade de Bangu<sup>5</sup>.

Na segunda metade do século XIX, o neocolonialismo europeu impôs a presença de seus militares nos territórios, por vezes fragmentados dada a uma dinâmica própria dos clãs locais, no continente asiático e africano. A chegada do futebol moderno nestes locais está intimamente relacionada ao domínio britânico e francês. Na Índia, por exemplo, o futebol era praticado entre "tropas inglesas e os adversários locais descalços" (GIULIANOTTI, idem, p. 22). Todavia, apesar desta modalidade ter sido praticada no país, a cultura hindu do corpo dócil se sobrepôs ao futebol, o que levou a elite colonial optar pelo críquete. Ainda na Ásia, entre 1839 e 1842, o futebol moderno

---

<sup>3</sup> Assim era conhecido o futebol após os alunos de Harrow, em 1863, fundarem a primeira entidade de futebol, a Football Association (FA), e imprimirem as regras oficiais do jogo.

<sup>4</sup> As três citadas no texto são cidades portuárias.

<sup>5</sup> Confere-se o título de patrono do futebol de Bangu - e quiçá do Brasil - ao escocês Thomas Donohoe. Em reportagem do G1, pesquisadores afirmam que a primeira partida disputada em solo nacional ocorreu ao lado da fábrica de tecidos da cidade em 1894. Entretanto, por não pertencer à elite, Donohoe não o ficou com o protagonismo por trazer o esporte bretão ao país, mas sim Charles Miller, pertencente à nata da sociedade daquela época.

foi introduzido pelas tropas britânicas durante a Guerra do Ópio a partir da tomada da cidade de Hong Kong. Na sequência, o esporte começou a ser praticado em Xangai, até chegar a Pequim (LEITE JÚNIOR; RODRIGUES, 2018).

No continente africano, a trajetória do futebol se assemelha. Para a invasão e expropriação do continente, os soldados ingleses e os colonos brancos ocuparam regiões da África, e o esporte, ainda que restringido das zonas costeiras onde estavam segregados os negros, foi inculturado às culturas locais (GIULIANOTTI, 2010a). A exemplo disso, Giulianotti (*id.*) cita como os povos originários do Congo organizaram competições de *mwana-foot* em áreas urbanas<sup>6</sup>. Entretanto, ainda que tenha sido assimilado, promoveu, junto dos outros esportes bretões, a erradicação e/ou supressão de movimentos dos povos indígenas africanos (GIULIANOTTI, 2010b, p. 14). O suposto fardo civilizatório do homem branco lançou mão do futebol para incutir normas, códigos de conduta e hábitos comportamentais. Aqui, cito, por exemplo, o controle da libido e do corpo, as formas de correr e pular, no caso do Quênia, além da promoção de jogos contra os times locais para inculcar as relações socioculturais e seu sistema político-econômico. Visto a larga disparidade técnica entre as equipes africanas e europeias, os colonos o utilizavam para justificar a supremacia branca.

Apesar de sua função “doutrinadora” e “domesticadora” do corpo, o futebol promoveu episódios de resistência. Fortes movimentos se opuseram à participação da África do Sul em competições esportivas internacionais, afinal, é habitual que os esportes sejam utilizados como meio de propaganda política e da promoção de uma suposta identidade nacional. O combate a esta ilusão, atravessada por um regime de segregação racial, se saiu vitoriosa. Outra derrota dos colonos ocorreu quando estes tentaram se estabelecer como controladores administrativos da modalidade, mas sucumbiram a uma união “protonacionalista dos negros africanos” (GIULIANOTTI, 2010a, p. 22). Infelizmente, durante o *apartheid*, na África do Sul, os terrenos baldios que serviam como campo de futebol para os times negros foram tirados das mãos e seus donos e passados para o controle dos brancos. Como hipótese, é possível que estas ações tenham frustrado uma ascensão do esporte no continente, quanto aos times, ainda que individualmente os africanos sejam destaques não só nos clubes europeus, mas nas Seleções nacionais compostas por “imigrantes” e descendentes de África<sup>7</sup>. Mais recentemente, um ponto de inflexão entre os futebolistas e os dirigentes da

---

<sup>6</sup> Traduzido por "futebol infantil" (*idem*) e disputado entre pessoas de 7 a 15 anos, o *mwana-foot* continua sendo prática comum em Gabão, por exemplo, e é próximo da realidade brasileira, no que conhecemos por "futebol de rua", em que a improvisação das traves aparecem perante a falta de estrutura.

<sup>7</sup> Cito, como exemplo, jogadores da Seleção Francesa de Futebol masculino, como Zinédine Zidane e Karim Benzema, descendentes de argelinos, e o número elevado de jogadores de ascendência africana campeões da Copa do Mundo de 2018 (14 de 23).

modalidade, está relacionado às práticas de “feitiçaria” durante os jogos<sup>8</sup>. A Confederação Africana de Futebol (CAF), a fim de impedir estes rituais sob a alegação de “melhorar a imagem e evitar confusões”, optou a punição<sup>9</sup> para a resolver este impasse (ARBOÉS, 2020). No entanto, para burlar tal imposição, “feiticeiros” são integrados aos clubes à equipe de auxiliares. A disputa em questão gira em torno de uma ideia de futebol: a do futebol moderno, baseado no padrão europeu *versus* a assimilação do esporte e a integração aos aspectos culturais locais.

Cantado a verso e prosa, há quem tenha defendido que, diferentemente da África do Sul, como vimos acima, e principalmente dos Estados Unidos, os países latinoamericanos, sobretudo o Brasil, eram livres do racismo. Esta teoria, da qual falaremos adiante, defenderá que mesmo após a escravização de negros e negras, nenhuma lei segregatória foi promulgada. No entanto, cabe a nós problematizar esta perspectiva com base em um levantamento bibliográfico sobre a história social do futebol brasileiro, sua relação com as pessoas negras no período pós-escravidão e o acesso destas aos direitos do cidadão e, por que não, ao esporte. Portanto, seguiremos remontando uma linha histórica do futebol, mas, neste momento, da sua vinda à América do Sul.

Nos confins ao Sul do globo, Chile, Argentina e Uruguai são os primeiros países adeptos à prática do futebol. Sobretudo na Bacia do Prata, onde não só o fluxo de mercadorias foi indispensável para sua inserção, mas também a ocupação soldados da Inglaterra em Buenos Aires, que atraiu os imigrantes e comerciantes ingleses para a capital argentina. Ainda que em menor proporção, os imigrantes se alocaram no país vizinho, o Uruguai. Diz-se que esta região tornou-se uma colônia informal do Império Britânico (HOBSBAWM, 1988; GUTTMANN, 1994 *apud*. MASCARENHAS, 2014, p. 45). Assim sendo, os "colonos" foram responsáveis pela criação dos primeiros clubes, o que impulsionou a adoção da cultura esportiva inglesa, através das instituições de ensino onde praticava-se o futebol, caso do Alumni, time da *Buenos Aires English High School*, e do Newell's Old Boys, “fundado pelos primeiros alunos de um professor inglês (GIULIANOTTI, 2010a, p. 24). As obras de infraestrutura de uma região que aderiu ao ideal moderno de “civilização” e “modernidade”, contribuíram diretamente para a criação de futuras grandes instituições de futebol, caso dos trabalhadores ferroviários uruguaios e argentinos, que originaram, respectivamente o *Central Uruguay Railway Cricket Club*, que anos mais tarde viraria o Club Atlético Peñarol, e o *Central Argentine Railway Athletic Club*, o atual Rosario Central. De início,

---

<sup>8</sup> Estas, vão desde urinar no campo de jogo, enterrar amuletos, passar sangue nos equipamentos, molhar o campo com um combinado de ervas, etc.

<sup>9</sup> Inclui-se a perda de três pontos, suspensão de três a quatro jogos aos envolvidos e danos financeiros ao clube.

muitos clubes foram adeptos à prática do críquete, como o já citado Peñarol, o *Montevideo Cricket Club* e o *Buenos Aires Cricket Club* (SANTOS, 2018). No Brasil, igualmente, o futebol não tinha o mesmo prestígio que viria a ter nas primeiras décadas do século XX. Muitos clubes de futebol, hoje populares frente ao cenário nacional, começaram suas atividades pela prática do críquete e do remo<sup>10</sup>. Somando-se a estes, o ciclismo<sup>11</sup> e o turfe foram os dois dos outros primeiros esportes praticados no país.

Mesmo sendo um esporte da "mais alta civilização", o futebol foi visto inicialmente com maus olhos dada a exposição do corpo, do suor, da brutalidade presente nas partidas. Como mencionamos, o turfe é tido como a prática esportiva pioneira por trazer em si hábitos da aristocracia colonial - das vestes ao comportamento - e também por distanciar-se do desenvolvimento de músculos, característica corporal do escravizado, consequência a labuta em ofícios de intenso esforço físico<sup>12</sup>. Em 5 de setembro de 1903, o jornal gaúcho *A Federação*, por exemplo, reproduz a descrição do novo esporte vinda de um periódico francês, o *Le Figaro*, como um jogo que “desde que começa, só se veem braços e pernas enroladas umas nas outras, socos, empurrões, rasteiras, ponta pés” (SANTOS, 2018, p. 46). No entanto, o jornal parisiense descrevia os hábitos esportivos estadunidenses, ou seja, do que conhecemos por *futebol americano*, e não do *soccer/association*. Todavia, houve uma guinada quando o futebol trouxe a ilusão de trazer em si os valores e benefícios vindos da "boa civilização", sendo capaz de "aprimorar a inteligência, o caráter e outros atributos morais" (MASCARENHAS, 2014, p. 79). No Uruguai, por exemplo, acreditava-se que por meio dele, a “raça latina” adquiriria condições de superar a “raça saxônica” (idem, p. 48).

A difusão do futebol no Brasil destoa em parte da trajetória dos países fronteiriços dos quais citamos acima. É correto afirmar que houve contato entre os britânicos e os brasileiros através dos portos, sobretudo do Rio de Janeiro ao longo do século XIX. Porém, tal como na Espanha, não há apenas uma única zona portuária no país que sirva como justificativa para o ingresso da modalidade. Diz-se que o ingresso do esporte bretão ocorreu concomitantemente em vários lugares. Com a vastidão continental do Brasil, esta fórmula que envolve futebol e marinheiros se mostrou

---

<sup>10</sup> São Paulo Athletic Club (São Paulo, 1888), sem ligação direta com o atual São Paulo Futebol Clube, fundado em 1930; Clube de Regatas do Flamengo (Rio de Janeiro, 1896); Club de Cricket Vitória (Bahia, 1899); Club de Regatas Vasco da Gama (Rio de Janeiro, 1898); Club Náutico Capibaribe (Pernambuco, 1901); The Bangu Cricket Club (Rio de Janeiro, 1904); Clube do Remo (Pará, 1905).

<sup>11</sup> É interessante mencionar que a União Velocipédica, composta pelos grupos Radfahrer Verein Blitz e Turner Bund, e os clubes de regatas - Porto Alegre, Almirante Tamandaré e Germânia - receberam os excursionistas do Sport Club Rio Grande na vinda à capital gaúcha (SANTOS, 2018).

<sup>12</sup> A prática do remo acabou rompendo com esta noção.

limitada quando este esporte ganha adeptos em cidades interioranas longes do litoral. Mesmo as cidades que possuíam ancoradouros, como Florianópolis, não tinham estrutura suficiente para receber grande quantidade de navios.

A dispersão do futebol onde viria a ser a chamada "pátria de chuteiras"<sup>13</sup>, trilhou mais de um caminho. Em Rio Grande, cidade portuária, semeou-se as bases para criação do primeiro clube desta modalidade em 1900. Todavia, não há relação direta com o porto local visto que este time foi fundado por um imigrante alemão, Johannes Minnemann, e homens de outras nacionalidades, como o inglês Arthur Cecil Lawson. A relação do S.C. Rio Grande com marinheiros ingleses é tecida um ano após sua fundação, no primeiro jogo da equipe contra o time dos marinheiros do navio de guerra "Nympe" (RIO GRANDE DO SUL, 2006). A criação deste clube motivou a origem do *Grêmio Football Porto-Alegrense* e do *Fussball Club Porto Alegre*, ambos de 1903, após excursão dos rio-grandinos para a capital. Porém, os clubes fundados em Porto Alegre tinham como tendência a restrição étnica, sobretudo o segundo. Em 1907, na mesma cidade, é fundado o *Foot Ball Club Rio Grandense*, este sim, criado por negros para "o cultivo do belo *sport* inglês" (SANTOS, 2018, p. 63). O S.C. Rio Grande promoveu, no estado, a adoção do esporte nas escolas ao oferecer as antigas bolas de futebol trazidas normalmente do exterior e os ensinamentos do Sr. Lawson sobre a prática do esporte. Além de Rio Grande, a proximidade com a fronteira da Argentina e do Uruguai promoveu a fundação dos clubes 14 de Junho, de Sant'Ana do Livramento, S.C. Bagé e Guarany, igualmente de Bagé. Já no "coração do estado", em Santa Maria, atribui-se a inserção da modalidade nas instituições escolares maristas (MASCARENHAS, 2010a). Em outros estados do Brasil, pode-se ver a influência das escolas administradas por instituições religiosas sendo crucial para propagação deste jogo<sup>14</sup>. Ademais, os escoteiros também teriam contribuído para a inserção do jogo em Mossoró (RN). Nas localidades do país onde não havia demasiado interesse econômico inglês, o futebol se difundiu com o regresso dos bacharéis, filhos das elites nacionais, que traziam do exterior as regras e os equipamentos da modalidade até então não produzidos no Brasil. Em Salvador, São Luís do Maranhão e Recife são exemplos desta forma de inserção do esporte<sup>15</sup>. Rio de Janeiro e São Paulo passaram por um processo semelhante com o retorno de Oscar Cox da Suíça e Charles Miller da Inglaterra, com a diferença que estas cidades atraíam os navios britânicos.

<sup>13</sup> "Expressão cunhada por Nelson Rodrigues nos anos sessenta (FRAGA, 2009, p. 173)".

<sup>14</sup> Maristas em Uberaba (MG) e jesuítas em Nova Friburgo (RJ), Itu (SP) e Florianópolis (SC).

<sup>15</sup> Respectivamente: Zuza Ferreira, familiar de banqueiros (SANTOS, 2008); Joaquim Moreira Alves dos Santos ao retornar à capital do Maranhão após temporada em Liverpool (MASCARENHAS, 2014); e Guilherme Fonseca, no regresso dos estudos na Inglaterra (*ibid.*).

O futebol quando começou a ser praticado durante o fim do século XIX, estava restrito aos membros da elite local. Assim, pessoas oriundas das classes populares, negros e mulheres estavam excluídas da prática no início da sua inserção. Ao passar dos anos, já no início do século XX, estes atores foram gradativamente incluídos e permitidos a participarem de tal prática esportiva. Entretanto, tal cronologia não é fidedigna na prática, visto que os clubes suburbanos e/ou ligados às classes operárias integravam pessoas de outras etnias e nacionalidades, porém, assim o fazemos para que um caminho possa ser trilhado.

Em um primeiro momento, o esporte passou a integrar ao lazer dos operários, que jogavam nas equipes dos patrões, como por exemplo o *The Bangu Cricket Club*, atrelado à Companhia Progresso Industrial, fábrica de tecidos cujos tecelões eram majoritariamente ingleses. (RODRIGUES FILHO, 2003). Além dos lazeres se “esportificarem”, processo iniciado ainda na Inglaterra (DUNNING, *ibid.*; GIULIANOTTI, 2010a), servia, também, como forma de controle moralizador (*ibid.*). Logo após, os negros que se destacavam nas ligas exclusivas e suburbanas passaram a integrar alguns times cariocas. O próprio Bangu protagonizou esta integração na *Liga Metropolitana de Football* (LMF) no Rio de Janeiro, em 1905, através da escalação de Francisco Carregal, homem negro, ao seu escrete principal. Todavia, os dirigentes da Liga promulgaram uma série de pré-requisitos para impedir a participação das “pessoas de cor”. Assim sendo, o Bangu se retirou e integrou à Liga Suburbana de Futebol, onde jogavam "os clubes que não conseguiam arcar com os custos [e exigências] de filiação" liga principal (SANTOS, 2018, p. 138). Como apontam Mackedanz, Silva e Rico (2021):

Pereira (1998, p. 60-61) elencou as exigências que os clubes precisavam cumprir para ingressar na Liga Metropolitana de Foot-Ball, fundada em 1906, no Rio de Janeiro: 1. Pagamento de 50\$000 (50 mil réis) anuais e 30\$000 de mensalidade; 2. Campo com dimensões regulamentares; 3. Ter seu nome proposto por dois clubes já filiados; 4. Admissão da diretoria. Além disso, alguns clubes ainda definiam em seus estatutos que os jogadores filiados não podiam ser nem ter sido profissionais de qualquer serviço braçal. Em 1907 são alterados os estatutos, transformando-a em Liga Metropolitana de Sports Atlético e criando restrição à participação de esportistas profissionais e apostas. Em maio do mesmo ano é enviado ofício aos clubes associados comunicando que a diretoria “resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor” (Ibidem, p. 63), fato que levou o Bangú Athletic Club a se desligar da Liga, para não abandonar os jogadores negros que faziam parte do seu plantel, passando a integrar a Liga Suburbana de Foot-Ball (Ibidem, p. 64-70) (MACKEDANZ; SILVA; RICO, 2021, p. 238-239).

No caminhar das primeiras décadas do século, reconheceu-se o Clube de Regatas Vasco da Gama, recém subido e campeão da segunda divisão do futebol carioca em 1922, por ser o primeiro clube a incluir os negros de forma massiva em seu plantel. Os "Camisas Negras", como assim ficou

conhecida a equipe cruz-maltina, conquistou o campeonato em 1923 e, de forma invicta, o bicampeonato no ano seguinte. Os clubes pertencentes às elites cariocas, ao ver a ascensão de uma equipe composta por jogadores negros, romperam com a LMF, passando a se chamar Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT). Esta, que levava a cabo o ideal do amadorismo elitista, cindiu-se em decorrência das disputas internas e tornou-se Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA).

A nova Associação, e os clubes como Flamengo, Botafogo e Fluminense, antes de decidir pela exclusão do Vasco, afirmaram que, em função do seu quadro multiétnico de atletas, não seria uma ameaça. Cabe lembrar que as teorias racialistas e essencialistas, as mesmas que atribuíam aos negros e mestiços o dom natural à criminalidade, selvageria e à preguiça, estavam em voga nesta época. Sendo assim, a "boa raça" não tinha com o que se preocupar, visto que pela ordem evolutiva e preponderância natural, os brancos ficariam em posição dominadora.

Com a ascensão do Cruzmaltino, sucesso de bilheteria e que pouco a pouco se popularizava entre os suburbanos, anos mais tarde, entre 1924 e 1925, a AMEA

[...] decidiu admitir o Gigante da Colina, mas sob a condição que dispensasse seus doze atletas negros e construíssem “equipes genuinamente portuguesas para uma demonstração esportiva das verdadeiras qualidades dessa raça secular”, segundo o que diria um ofício da Associação (PIRES, 2019). O clube recusou a exigência e assinou o manifesto conhecido como “Resposta Histórica”. Essa versão do pioneirismo enquanto “Revolução Vascaína”, no entanto, é posta em questão uma vez que esta seria uma “democratização funcional” (DAMO, 1998; PRONI, 2000; apud. MASCARENHAS, *ibid.*, p. 95) (MEURER, 2023, online).

A restrição dos negros à prática do futebol não ficou circunscrita ao estado do Rio de Janeiro. Em São Paulo, negros e brancos, operários e desempregados, em geral, pessoas da camada popular, ingressavam nos times de várzea para poder jogar futebol. Diferente do futebol das classes abastadas, a imprensa ventilava que estes jogos “informais” era o lugar de “vadios a ser disciplinados ou até perseguidos pela polícia” (MASCARENHAS, *ibid.*, p. 99).

Em 1910, surge em Porto Alegre a primeira liga de futebol que reunia os principais times da capital. A *Liga de Foot-Ball Porto Alegrense* era composta por Grêmio, Internacional, Fussball, Militar, 7 de Setembro, Frisch Auf e Nacional. O Rio Grandense (1907), do qual já foi mencionado acima, pleiteou sua inclusão nesta liga de futebol, mas foi descartado. Cogita-se que houve um tensionamento por parte dos times de negros e operários para que a nova liga incluísse os clubes populares. Por esse motivo, e repetindo a fórmula da LMF do Rio de Janeiro, criou-se uma série de empecilhos para que estes clubes não participassem.

A Liga exigia também cópia dos estatutos, "campos de dimensões legais, e amplas comodidades para os *teams* visitantes", designação de endereço do presidente e do secretário do clube pretendente. Além destas exigências para aqueles que desejavam efetuar matrícula na Liga, também deveria ser pago "20\$ de taxa e 200\$ de matrícula, sendo para todos o pagamento de 60\$ anuais, a título de mensalidades". O valor era significativo, para não dizer proibitivo, para os clubes das classes populares (SANTOS, 2018, p. 88).

A negativa ao Rio Grandense, em 1911, que nutria suas pretensões com a *Liga de Foot-Ball Porto Alegrense*, ocorreu durante a presidência de Henrique Poppe Leão, um dos fundadores do Sport Club Internacional, que mesmo após este episódio, anos depois ficaria conhecido pela alcunha de "Clube do Povo". O Internacional, apesar destas contradições, abriu as portas do clube assim que se mudou para próximo os arredores da Ilhota e Areal da Baronesa, onde moravam negros e negras descendentes de ex-escravizados.

Neste contexto, surge a primeira liga para os times populares chamada de *Liga de Foot-Ball Sul Americana*, em 1913. No entanto, contrapondo incongruências na fala de Carlos Lopes dos Santos ao jornal Zero Hora de 13 de maio de 1987, José Antônio dos Santos (*ibid.*) afirma que a origem do que viria a ser chamado de "Liga dos Canelas Pretas" não faz jus a esta primeira congregação de clubes.

A *Liga Nacional de Football Porto-alegrense*, fundada em 1920, reuniu times formados por quadros negros para que se pudesse praticar à modalidade. Esta corresponde à associada ao termo pejorativo - "Canelas Pretas" - que hoje parece ter sido ressignificado. Porém, depois dela existiram mais outras ligas de caráter semelhante<sup>16</sup>. Impedidos de jogar, os jogadores negros encontraram uma alternativa não só para praticar o esporte, mas para a sociabilidade da comunidade negra local. Ademais, por não poderem, por proibição ou constrangimento, circular em espaços públicos, algo que perdura na atualidade, negros e negras tiveram que erguer suas próprias agremiações, jornais, "sociedades esportivas, bailantes, carnavalescas, religiosas e educativas" (SANTOS, *ibid.*, p. 144). Na nominata da gestão da Liga, destaca-se o do presidente Arthur Paulino da Rosa, que em 1911 presidiu também a Sociedade Floresta Aurora<sup>17</sup>.

Na mesma tônica da *Liga Nacional de Football Porto-alegrense*, outras ligas negras foram criadas, mas ao Sul do estado. A Liga José do Patrocínio ocorrida entre 1919 e 1936 na cidade de Pelotas, foi formada por motivos semelhantes aos casos já mencionados acima: a Liga Pelotense de Futebol era restrita aos brancos e segundo Rigo (2004), Alves (1984) e Loner (1999), citados por Mackedanz, Da Silva e Rigo (2021), esta pertencia apenas às "boas famílias da cidade". Associada

<sup>16</sup> Associação dos Amadores de Futebol e Associação Sportiva de Futebol.

<sup>17</sup> Instituição fundada em 1872 por ex-escravizados, tinha como objetivo fortalecer a luta antirracista, seja opondo-se ao sistema escravocrata ou dando ênfase para a cultura negra na capital.

ao clube carnavalesco negro Depois da Chuva, de 1916, este espaço era cedido para as festividades e solenidades da comunidade negra pelotense. Igualmente, na cidade vizinha, Rio Grande, os negros, operários e populares construíram a Liga Rio Branco, com registros de duração de apenas quatro anos (1926-1930), mas que também vinculavam-se a ações conjuntas com outros clubes teatrais e bailantes negros (MACKEDANZ; RIGO; 2021).

Muito se acusou estas congregações e ligas de isolarem-se. Levando em consideração que o padrão ideal construído pela sociedade do século XIX e XX, e que ainda perdura, é o da pele branca. Quando fala-se em racismo estrutural, busca-se evidenciar as relações racistas do cotidiano que tem base nos estigmas prescritos à população negra e suas bases materiais, refletida nas instituições. O esporte é um dos eixos onde o racismo se expressa. Portanto, como acusar tais ligas de isolamento se a branquitude elitista é quem efetivamente segrega? Sejam no futebol, nos teatros, barbearias, lojas etc. Estas ligas, que também seguiam um ideal militante, foram resistência frente a um país que se diz livre do racismo, mas que promoveu formas de veladas de um *apartheid*.

Por último, após os homens negros, as mulheres criaram os seus times, cujos plantéis eram compostos sobretudo por domésticas e suburbanas. Um caso que merece notoriedade é o time fundado pela advogada e sindicalista Clarice, em Jaú, no interior de São Paulo. Sua fundação, que data da década de 1960, reuniu empregadas domésticas e tinha como objetivo, para além da luta por melhores condições de trabalho, a integração entre as trabalhadoras.

As mulheres, no contexto brasileiro, praticavam o futebol desde a década de 1930, com destaque para as equipes do Casino Realengo, S.C. Brasileiro, S.C. Bemfica, Eva F.C. e Primavera A.C. Entretanto, em 1941, o Decreto Lei N° 3.199 impedia que elas praticassem o esporte sob a alegação de não ser “compatível com as condições de sua natureza”.

O futebol feminino, apesar da proibição, não deixou de ser praticado: ora era jogado ilegalmente - como uma forma de resistir às imposições do Estado - ora era vendido como atrativo circense nos picadeiros (MUSEU DO FUTEBOL, 2015, online).<sup>18</sup> Desde os primórdios da modalidade feminina no Brasil as mulheres negras compunham aos escretes<sup>19</sup>. A modalidade feminina ficou na penumbra por 40 anos. Na década de 1980 as atividades foram retomadas, com destaque para a equipe E.C. Radar, e, atualmente, segue em plena ascensão com a realização dos

---

<sup>18</sup> A matéria “A mulher e o futebol: as torcedoras de ontem e hoje” da revista Esporte Ilustrado de 12 de setembro de 1946, exprime o que se pensava na época acerca do futebol feminino: “O futebol é um dos esportes que a mulher não pode praticar e não deve praticar. [...] Há uns seis anos passados, essa absurda inovação apareceu no Brasil. Simples excentricidade carnavalesca... [...] Mulher não deve praticar futebol, boxe e outros esportes violentos” (p. 4).

<sup>19</sup> É possível identificar em fotografia publicada pelo jornal Educação Physica de setembro de 1940, a presença de pessoas negras no time do Cassino Realengo. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164070/3671> .

mesmos campeonatos que no futebol masculino. Todavia, a remuneração, estrutura e investimento seguem sendo desproporcionais se comparadas as modalidades.

#### **4.2. Futebol e racismo: o 13º jogador é o primeiro a entrar em campo**

Há anos, a leitura que cerca o futebol, sobretudo no campo das Ciências Humanas e Sociais, é de que este esporte é o “ópio do povo”. Esta posição utilitarista está fundamentada por uma oposição entre futebol vs. sociedade. No entanto, o antropólogo Roberto DaMatta (1982), dirá que “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (p. 21). Quando nos propomos a pensar “o que faz o Brasil, Brasil?” É imprescindível que a ou o cientista social atente-se para esta questão. É através do futebol brasileiro que, segundo a antropologia de DaMatta, se interpreta a identidade construída e imaginada, valores, dramas, mitos, desejos e, porque não, as exclusões que vínhamos descrevendo. Ademais, DaMatta (1986) citado por Vaz (2020, p. 211) ressalta o caráter elitista desta perspectiva que vê o futebol como “um instrumento de mistificação das massas ignaras que deveriam estar indo ao teatro, lendo romances ou discutindo política” ao invés de “estudar as implicações do futebol na sociedade brasileira”.

Apesar das suas elaborações ainda serem uma referência para o campo de estudos sobre futebol no Brasil, é preciso fazer algumas críticas, e possíveis superações, tendo em vista a discussão que estamos propondo. O futebol é um esporte democrático (DAMATTA, 1982). Dentro de campo, as diferenças entre os jogadores(as), principalmente de classe e raça, seriam anuladas pelo caráter benevolente do esporte. Ele permite um/a empresário/a da elite nacional e um/a trabalhador/a terceirizado/a disputarem a mesma bola, em uma jogada decisiva e em pé de igualdade, cerceados/as pelas mesmas regras que pouco mudam e são amplamente conhecidas. Isso, é claro, de um ponto de vista hipotético, pois a tendência é tais atores não pertençam ao mesmo círculo social, visto que o primeiro busca, na maioria dos casos, distinguir-se do segundo - desde “o esporte que pratica às maneiras de praticá-lo” - e manter sua superioridade na hierarquia do espaço social (BOURDIEU, 2007; 2015). Neste caso, não é o capital global que definirá quem vence o jogo, mas o “capital habilidade”, o desempenho. Segundo o autor, o futebol permite subverter as hierarquias, ou, em uma leitura bourdieusiana, o esquema classificatório em capitais - cultural e/ou econômico - (BOURDIEU, 2015) presente em nossa sociedade. É onde, pelo mérito, se pode ascender de forma justa, pois “ninguém pode ser promovido a astro do futebol pela família, pelo

compadre ou por decreto presidencial” (DAMATTA, 1982, p. 39).

O esporte, e o futebol, nosso enfoque principal, está inter-relacionado com a cultura e com a identidade nacional, como já mencionamos. O Brasil é a pátria que se autointitulou o “país do futebol” e que, cabe lembrar, utilizou politicamente esse esporte em diversos eventos, principalmente a partir de 1938. Da mesma forma que ele influencia a cultura e nossos hábitos - como o de tornar facultativa a presença nos dias dos jogos do Brasil, pintar as ruas de verde e amarelo durante a Copa do Mundo, discutir - e não conversar sobre - futebol etc. - a cultura se faz presente no limiar das quatro linhas, nos estádios, nas redes sociais dos e das atletas, torcedores e torcedoras etc. Portanto, quando afirmamos que o racismo é estrutural a partir da leitura de Almeida (2019), não podemos dissociar a instituição “futebol brasileiro” e os jogos de futebol da ordem social vigente.

A fim de tornarmos nossa crítica mais palpável, lançaremos mão de uma metáfora: a ordem social que estrutura nossa sociedade veste a 13ª camisa (ou, como dizem os cronistas esportivos, “farda o manto”)<sup>20</sup> e, apesar de ser a última numerada, é a primeira a entrar no gramado. Para isto, basta revisitarmos a história deste esporte: Carlos Alberto, cobria o rosto negro com pó-de-arroz para jogar futebol, e Arthur Friedenreich, “untava o cabelo com brilhantina”, penteava ao máximo e, por fim, botava uma toalha na cabeça para alisá-lo (RODRIGUES FILHO, p. 53). Estes são exemplos da negação do fenótipo negro, pois, neste primeiro momento, “acreditava-se na inferioridade das raças não brancas” (MUNANGA, 2019, p. 55). Além destes, havia o goleiro Nivair Innocêncio Fernandes, o “King”, destaque na década de 1940 pelo São Paulo. Segundo Alexandre Giesbrecht (2013, online), Nivair recebeu este apelido por conseguir segurar a bola com apenas uma mão, tal como no filme “King Kong” (1933), o gorila, quando este ergue a personagem Ann Darrow interpretada pela atriz Fay Wray. Cabe dizer que apesar de não termos encontrado o quanto media precisamente, “King” era alto, por certa vez chamado de “gigantesco” pelo Correio Paulistano (1938). Ademais, Nivair era negro. Portanto, é possível dizer que este apelido tem conotação racista.

Companheiro de King no Tricolor Paulista, Leônidas da Silva, que viria anos mais tarde a ser chamado de Diamante Negro dando nome ao chocolate, foi acusado de um suposto roubo de um colar de pérolas, o que lhe deu a fama de larápio antes da ascensão do jogador. Por esse motivo, ele era alvo de provocações da torcida adversária, incluindo ofensas racistas. Aqui, pudemos ver explicitamente a noção empregada pelo médico Nina Rodrigues, que em seu livro *As raças*

---

<sup>20</sup> As equipes de futebol são compostas por 11 atletas, mas diz-se que o 12º jogador ou jogadora fica a cargo do apoio da torcida.

humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1894), versava sobre a pretensão natural do mestiço à criminalidade, por influência do colonizador português que, segundo Munanga (2019, p. 57) era, para Rodrigues, “gente da pior espécie” da civilização europeia. Ademais, acreditava-se que as raças “inferiores” não discerniriam os seus atos por terem o aparelho psíquico pouco desenvolvido.

Esta última concepção nos leva ao caso de Moacir Barbosa, goleiro da Seleção Brasileira em 1950. Barbosa carregou a culpa pelo mérito do uruguaio Ghiggia e o fracasso brasileiro no Maracanazo, reforçando - mesmo após a leitura de “democracia racial” ter sido assumida oficialmente pelo Estado - a ideia de que os negros são frágeis emocionalmente para serem goleiros devido à falta de racionalidade (ABRAÃO; SOARES, 2020). Segundo estes autores, a interpretação de Mário Filho, jornalista do qual faremos na sequência, percorre por este caminho. Além de Barbosa, Bigode e Juvenal, também negros, sendo este último tido como “bêbado” reforçando os estereótipos racistas, saíram com o fardo da derrota de uma Copa que comprovaria "para nós e aos olhos dos outros países, em especial daqueles tidos como 'mais desenvolvidos', nossa condição de nação civilizada e evoluída" (FRAGA, 2009, p. 13).

Todos, seja antes, durante ou após a partida, foram vítimas de racismo e discriminação. Por esta razão, por maior esforço que façamos para entender a concepção de DaMatta (1982) - que, em certo sentido, tem a sua lógica, sobretudo quando tratar-se-á do "imponderável do futebol", quando a menor equipe vence aquela mais bem estruturada - não nos parece coerente, pois isto seria o mesmo que afirmar a tese do “paraíso das raças” de Gilberto Freyre aplicada sobre o “gramado”. Esta leitura da qual nos referimos acima, de que durante uma partida todos e todas estão sobre a égide do igualitarismo, não se sustenta, sobretudo, após um mau desempenho. Analisando e problematizando os discursos do passado e do presente, é na crônica esportiva, e mais recentemente nas redes sociais digitais, que as derrotas são descontadas em jogadores e jogadoras negras.

Os ideólogos do “racismo científico”, como Gobineau, a seus discípulos brasileiros, como Sérgio Romero, Oliveira Viana, o já mencionado Nina Rodrigues e outros, tanto quanto Gilberto Freyre e sua leitura culturalista, foram responsáveis pela construção de narrativas - declaradamente racistas ou não - que perduram até a atualidade. Apesar de substituir o conceito de biológico de “raça” da “antropologia física” (GUIMARÃES, 2003), Freyre encobria a existência da relação desigual entre negros e brancos sob a narrativa do “mestiço”, genuíno fruto das três raças, personificando, assim, uma suposta benevolência dos senhores de engenho para com as e os escravizados (REIS, 2007). Aderindo a esta interpretação sobre a sociedade brasileira, o jornalista Mário Rodrigues Filho, desenvolverá “*O negro no futebol brasileiro*”, cuja primeira edição data de

1947, tida como a obra pioneira no tema, rica em detalhes e uma referência ainda hoje para os estudos sobre raça e racismo no futebol. Os novos olhares à tese da “democracia racial” e as limitações presentes no trabalho de Mário Filho puseram em questão a noção de “futebol-arte”, que, para o autor, seria fruto da miscigenação brasileira. Porém, hoje questiona-se sua obra dada a atribuição e o reforço de estereótipos aos corpos negros.

A construção da narrativa de que o futebol é o “estilo [...] expressão do nosso mulatismo [...] uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha” (FREYRE, 1938, p. 4)<sup>21</sup> presente em nossa sociedade e que ganha força durante as Copas do Mundo, tem origem na década de 30. A ascensão de Vargas fez com que o Estado se mobilizasse para compor um ideal de nação, de todo, através da supressão das desavenças (e diferenças) internas do país. Isto é, a ditadura estadonovista não tratou de encabeçar transformações estruturais, pelo contrário. Getúlio, ao entender as demandas das massas, soube conciliar os seus interesses de governo com os da população, que gradativamente se transformava em "povo brasileiro". Isto porque, segundo Anderson (2008):

[...] independente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos séculos, tantos milhões de pessoas tenham-se não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas. (ANDERSON, 2008, p. 34)

---

<sup>21</sup> A grafia original de “*Foot-ball mulato*” de 1938, presente nesta citação, foi alterada com a finalidade de torná-la mais agradável ao nosso leitor ou leitora.

Durante a Terceira República, Vargas lançou mão de alegorias para perpetuar a imaginação da comunidade, e, por fim, a “comunidade imaginada” (idem). Com a queima das bandeiras estaduais em 1937; a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que assegurava a classe trabalhadora com a regulamentação da jornada de trabalho de oito horas, salário mínimo e férias remuneradas; criação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões e Justiça do Trabalho; a incorporação dos sindicatos pelo Estado e a festa do Dia do Trabalhador, quando Getúlio "costumava promover as celebrações [...] no estádio de São Januário" (FRAGA, 2009, p. 209), estádio do Vasco da Gama, fez com que a separação entre os estados, a cisão de classe e a fragmentação federalista, fosse, supostamente, desfeita.<sup>22</sup> Além destas, pautas sobre gênero, como os direitos das mulheres, foram atendidas ampliando a participação cidadã por via do sufrágio feminino e medidas de equidade salarial, licença maternidade com auxílio previsto, etc. em 1932. As questões de ordem racial também foram contempladas com a criação do Dia da Raça, em 1939, e a defesa de um Brasil miscigenado e livre de racismo.

A adoção da narrativa do “paraíso racial”, anos mais tarde questionada pelos estudos de Florestan Fernandes e Roger Bastide, foi utilizada para a construção da unidade nacional. Ergueram-se, como símbolos da narrativa oficial, o samba - regulado e "higienizado" pelo Departamento de Imprensa e Propaganda -, o carnaval e o futebol (SCHWARCZ, 2012), todos de agrado popular. Este último recebeu a investida pessoal de Getúlio: além de inaugurar o Estádio Pacaembu, em São Paulo, Vargas era “amigo dos jogadores, posava para fotos e recebia visitas” (BARBOSA; SIMÕES; KIELING, 2017, p. 56).

Cabe frisar que a perspectiva de que somos o “país do futebol” se deu em função do notável desempenho da Seleção na Copa do Mundo de 1938, de Leônidas e Domingos da Guia, e ocorrida na França, que projetou o futebol brasileiro para o mundo com a conquista do terceiro lugar (PEREIRA; LOVISOLO, 2014). Antes disso, tínhamos um elenco amador por concepção da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e, na Copa do Mundo de 1934, a Seleção Brasileira terminou em na 14ª colocação, a pior na história da competição.

Embora contraposto através dos estudos sociais, dos dados sobre o acesso à educação, à moradia, à saúde, ao mercado de trabalho etc., mas sobretudo pelos relatos das negras e negros que

---

<sup>22</sup> A matéria d'O Jornal torna isto ainda mais evidente: "A passagem da data 1º de maio é ainda hoje motivo para preocupações para os governos de diversos países, porque, sendo dedicado à comunhão do proletariado, fornece pretexto [...] para o extravasamento das queixas coletivas [...]. Entre nós também foi assim, por longo tempo [...]. Em anos, no entanto, mudou por completo o sentido da interpretação dessa data universal em nosso país. O 1º de maio não é mais aqui um dia de reivindicações, mas uma grande festa da coletividade operária, grata aos benefícios que lhe têm sido concedidos em prazo relativamente curto, pelo governo da República" (O DIA... 1940, p. 5).

vivenciam a chaga do racismo, por vezes, esse discurso da “democracia racial” volta à tona em campanhas institucionais, que, em tese, visavam combater o racismo. A exemplo disso, citamos os chavões “*Somos Iguais*” e “*Todos Iguais*” que dão nome às campanhas contra o racismo promovidas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), respectivamente, em 2014 e 2019.

#### **4.3. Do “gesto feio” ao punho cerrado: dos primórdios à atualidade do ativismo antirracista no futebol**

O punho cerrado, um dos símbolos de contestação e da luta antirracista (LOPES, 2020) voltou a fazer parte do meio futebolístico, seja nas comemorações dos gols ou antes do início de cada partida que, tal como outras ações, expressam o posicionamento crítico dos/das jogadores/as em relação à esta chaga social. Antes disso, porém, o punho cerrado era utilizado em outros contextos de luta e de objeção.<sup>23</sup>

O Brasil pode ser tido como o berço destas manifestações se pensarmos sob a ótica destas ações - simbólicas ou não - antirracistas das e dos atletas, isto, é claro, segundo a literatura que tivemos acesso. No dia 1º de maio de 1932, em Campos Salles, o Diamante Negro jogava pelo Bonsucesso contra o time do América, clube o qual ludibriou mais de uma vez ao assinar as fichas de inscrição e não ter aparecido na sede da equipe. O gesto “*feio*”, “*nada desportivo*”, “*obsceno*”, “*reprovável*” etc. cometido por Leônidas da Silva, como disseram os jornais da época<sup>24</sup>, a celeuma que provocou o jogador a posicionar-se é descrita por Mário Rodrigues Filho (2003):

---

<sup>23</sup> Como em 1848, na França, durante abdicação do Rei Luís Felipe I; na greve da seda em Nova Jersey em 1913; em 1926, pelos combatentes alemães do Red Front Fighters e Ernst Thälmann, em 1932 renomeados de *Antifaschistische Aktion*; na Revolução Espanhola, em 1936; em 1937, pelos membros da Brigada Lincoln após a morte do ex-comandante Oliver Law, um soldado negro e comunista que inspirou os Panteras Negras a aderirem ao símbolo (STOUT, 2020; HELIGAR, 2021).

<sup>24</sup> Diário da Noite de 03/05/1932; Jornal dos Sports de 05/05/1932.

Leônidas pegava uma bola, levava logo uma vaia. 'Uh! Uh! Uh!' era pouco. 'Moleque, preto sem-vergonha, negro sujo'. Leônidas acabou não aguentando mais, fez um gesto feio, quase que o mundo veio abaixo. [...] A multidão invadiu o campo, 'lincha, lincha', a polícia cercou Leônidas, o jogo ficou interrompido uma porção de tempo (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 177-178).

Leônidas teria abaixado as calças e mostrado “o pau” (WISNIK, 2008, p. 237) (*sic*) para torcida adversária. Em sua defesa, o jogador disse ao jornal Diário da Noite, na edição de 03 de maio de 1932, dois dias após o caso, que:

Não houve nada disso. Meu calção estava caindo. Eu num gesto natural procurei ajustá-lo como qualquer jogador faz nessa circunstância. Fui infeliz. Com a prevenção existente tomaram esse ato como sendo uma ‘resposta’ ao que eles me faziam. E já sendo grande a vontade dos ‘americanos’ de me verem fora de campo arranjaram este pretexto (“A MÁ... 1932, p. 14).

A torcida do América, como foi dito, não poupava Leônidas das ofensas racistas, lançando mão dos estigmas que cercavam o jogador do Bonsucesso. Considerando que o racismo estrutura a nossa ordem social, ele está presente nos mais diversos campos: o esportivo, o educacional, o político etc. Sabendo disso, cabe a nós problematizar os periódicos, pois o racismo também permeia o campo jornalístico.

O segundo caso, já não se tratando diretamente de antirracismo, foi protagonizado pela equipe ucraniana Start, em 1942, que cerrou os punhos na frente do adversário, o Flakelf. Este, era formado por militares das forças aéreas nazistas (*Luftwaffe*). Era exigido que saudassem os alemães à sua maneira – “*Heil Führer*” - porém o time do Start, repleto de membros ligados aos partidos comunistas, gritaram “cultura física”<sup>25</sup> - e, como dissemos, cerrando os punhos. Ainda foi exigido pelo juiz, membro da *Schutzstaffel* (SS), tropa de proteção do Partido Nazista, que facilitassem o jogo. Não foi o que ocorreu. O time do Start, que vestia camisas vermelhas, não só venceu a partida como humilhou os alemães.<sup>26</sup> Este jogo, não por acaso, é conhecido como “Jogo da Morte”, pois, membros da equipe ucraniana foram mortos, como Nikolai Korotkykh, membro ativo da NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos)<sup>27</sup>, a polícia secreta do Partido Comunista, e outros levados para o campo de concentração de Siretz (DOUGAN, 2004; FRAGA; GUAZZELLI, 2018). Além desta, há outra versão do mesmo fato em que é descrito o fuzilamento dos onze jogadores ucranianos após a vitória por 5 a 3 (GALEANO, 2020, p. 43).

<sup>25</sup> “*Fitzculthura*”: cultura física junto da saudação “*hurrah*” (FRAGA; GUAZZELLI, 2018, p. 235).

<sup>26</sup> Dougan (2004) trouxe as memórias de Vladimir Mayevsky que, na época, tinha 10 anos quando foi ao jogo com o pai. Ele lembra do lance em que Klimenko driblou todos os defensores do Flakelf, até mesmo o goleiro, mas ao invés de chutar a bola em gol, parou-a em cima da risca, virou-se para o lado contrário e pôs a bola em jogo. O juiz encerrou a partida antes que os 90 minutos estivessem completos para evitar novos vexames da equipe alemã.

<sup>27</sup> Do original “*Narodniy Komissariat Vnutrennikh Diel*”.

Apesar de não ser um movimento disciplinado como nos Estados Unidos, mesmo de forma difusa e pouco organizada entre os e as atletas é possível ver o ativismo esportivo sendo posto em prática no Brasil. Nas décadas de 70 e 80, Reinaldo, do Atlético Mineiro, e o já citado Sócrates, do Corinthians, cerravam os punhos contra os militares. O primeiro, inclusive, chegou a ser coagido pelo próprio Ernesto Geisel, ditador-presidente do Brasil.<sup>28</sup> Recentemente, reconhecidos jogadores do futebol nacional como Gabriel Barbosa, o Gabigol, Marinho, Edenilson e Taison (FOLES, 2021; SALDANHA, 2021; HUBER; SCHMIDT, 2022; SIMON, 2022) por exemplo, manifestaram-se contra a discriminação direta, vivenciada pelos próprios atletas, e/ou em apoio às vítimas de casos correlatos. Na modalidade feminina, também houve manifestações por parte das jogadoras do Corinthians em resposta à injúria sofrida pela capitã da equipe, Adriana, durante a goleada aplicada por 8 a 0 contra o Nacional (URU) pela Libertadores da América (ESTADÃO, 2021). O combate ao racismo estrutural ganha espaço nas falas das e dos jogadores. Entretanto, como pontua Djamila Ribeiro:

Estes gestos não são ações concretas no sentido de trazer uma mudança mais profunda. Mas elas jogam luz para a questão, faz com que as pessoas reflitam sobre isso. E talvez um atleta, quando se posiciona e é muito famoso, faz com que as pessoas cheguem até os ativistas e intelectuais que estão falando sobre isso. Isso dá visibilidade para o tema e isso é fundamental. Claro que tem atletas, que além de se posicionar desta maneira, tomam ações concretas. Pagam bolsas de estudo, nos EUA é comum. Muitos deles, como o LeBron James, tem projetos sociais. É importante se manifestar em jogos, por dar visibilidade ao tema, mas acho que é importante para, além disso, tomar ações concretas. Não ficar só na denúncia, sobretudo estas pessoas que têm condições econômicas mais favoráveis. ("ATIVISMO... 2021, online)

Com a circulação de fotografias, exibidas nas revistas e na crônica esportiva que compõem os jornais, às locuções radiofônicas, criavam-se os primeiros ídolos esportivos (FRAGA, 2009, p. 161). No passar dos anos, foi possível difundir a imagem a partir da televisão, primeiro em preto e branco e, depois, à cores. Eventos como a Guerra do Vietnã e a Copa do México de 1970 são tidos como marcos simbólicos do mundo televisionado. Agora, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, o acesso às notícias se intensificou, assim como a prontidão com que elas chegam. A visibilidade das e dos atletas, da mesma maneira que a relação entre a vida pública e a vida privada, também se amplificou em função das redes sociais digitais. Felizmente, o

---

<sup>28</sup> Em 1978, a Seleção que jogaria a Copa do Mundo daquele ano, foi recepcionada no Palácio Piratini em Porto Alegre. Reinaldo, diferente dos outros jogadores, foi agarrado por um homem uniformizado e levado para uma sala em separado. Ao chegar lá, à sua espera, estava Ernesto Geisel. Geisel havia lhe dito: “[...] dedique-se a jogar futebol [...] A política, você pode deixar para nós”. Acuado, Reinaldo concordou. No entanto, no confronto com a Suécia, em 3 de junho, Reinaldo marcou um gol e descumpriu sua promessa. Cerrou o punho. Isso lhe custou a vaga na Seleção Brasileira, junto de Zico (PEINADO, 2017, p. 145-146).

crescimento do acesso às redes móveis permitiu que “grupos sociais como a comunidade LGBTQIA+, mulheres, negros, entre outros, ganharam mais possibilidades de terem seus pensamentos, projetos e demandas divulgados [...]” (EHRENBERG, 2020, p. 1), inclusive no futebol. Todavia, as estruturas que constituem o corpo social não mudaram e, a reboque da conquista de espaço dos grupos oprimidos, xingamentos, gestos e expressões machistas, racistas, LGBTfóbica continuam a fazer parte deste campo, ou seja, um reflexo da estrutura. Isto é percebido, por exemplo, no levantamento feito pelo 7º Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol (2021). Segundo o relatório, o Brasil totalizou 31 casos de racismo no futebol, 14 de LGBTfobia e 13 de machismo, a maior parte ocorrida dentro dos estádios e em três meses de acesso dada a conjuntura da Covid-19. A Região Sul, e especificamente, o Rio Grande do Sul, na somatória dos casos desde 2014 quando o Observatório da Discriminação Racial no Futebol iniciou o trabalho, se destacam negativamente com, respectivamente, 64 e 48 casos.

Nos estádios de futebol, a ofensa “macaco” é uma das mais recorrentes. O dito combate ao racismo, no caso do futebol, limita-se à punição de torcedores(as) ou jogadores(as). Uma ampla gama de atores que pertencem ao campo esportivo são responsáveis por estes comportamentos inadequados, sejam os próprios profissionais do mundo da bola - técnicos, dirigentes, jogadores/as, repórteres etc. - ou torcedores/as. Estas violências, presentes cotidianamente nesses espaços, vão além do campo e são reproduzidos pelos clubes de futebol enquanto instituição em que quase inexitem negros e negras em cargos de liderança (do presidente ao técnico) e, mais que isso, a estrutura social que fundamenta estas exclusões. Em 2019, por exemplo, apenas três técnicos negros chegaram ao fim das séries A e B do Campeonato Brasileiro de quarenta clubes; em 2020, apenas um negro presidia um clube entre os mesmo quarenta (CHAVES, 2020).

Veremos que uma parcela das e dos atletas têm se oposto publicamente a estas manifestações de cunho ofensivo e discriminatório. Entretanto, o rechaço a estas questões, muitas vezes, extrapolam o campo esportivo, fazendo da ou do futebolista um ativista extra-campo. Dito isso, a intersecção desses segmentos - atletas de futebol negros e negras - pode prover atenção midiática para a discussão sobre as desigualdades étnico-raciais e para a luta antirracista. Além disso, põe-se em voga esta discussão para fora do meio acadêmico e dos movimentos sociais, visto que o futebol ocupa boa parte do tempo da programação de diversos meios de comunicação.

O ativismo antirracista das e dos jogadores de futebol muitas vezes limita-se a estas ações de ordem simbólica dentro das quatro linhas, como nas comemorações de gols, ou no ambiente virtual. Estas manifestações, no entanto, têm como objetivo “[...] alterar ou mitigar a natureza hegemônica

de arranjos estruturais, regras/políticas/leis [...] que servem para reforçar a subordinação [...] de certos grupos” (GALILY, 2019 *apud.* SANTOS, 2021, p. 33), mobilizar e engajar seus seguidores a combater o racismo de maneira coletiva, além de promover a reflexão e a denúncia dos casos de forma ampla e propagar uma “representação positiva da cultura negra” (SANTOS, 2021, p. 43) ao contrário dos estereótipos socialmente estruturados. Isso só é possível a partir do desenvolvimento da fabricação das imagens-conceito dos atletas, ou sua legitimidade, e sua impositação como uma marcas-humana, ou seja, “qualquer persona reconhecida que é sujeito de esforços de comunicação e marketing” (HAYWARD, 2003, *apud.* SANTOS, 2021, p. 28). Ainda que o ativismo dos jogadores de futebol pudesse ampliar suas ações, pois a crítica ao racismo, por vezes, restringe-se a casos individuais, isso não os exime da responsabilidade (ALMEIDA, 2019, p. 51) de mobilizar o seu poder simbólico contra esta forma de opressão.

Os recentes casos de violência policial nos Estados Unidos contra afrodescendentes, sendo o de maior expressão midiática a morte de George Floyd por um policial branco, fizeram com que milhares de pessoas, incluindo artistas, músicos e esportistas, se posicionassem. O Movimento *Black Lives Matter*<sup>29</sup> tomou força nas ruas, na mídia e nas redes sociais. De boicotes aos jogos e às Ligas, da arrecadação de fundos para organizações antirracistas aos, sobretudo, atos simbólico dentro de quadra ou campo, os esportistas norte-americanos da NBA (*National Basketball Association*), da NFL (*National Football League*) da MLS (*Major League Soccer*) (RODRIGUES; BALBINO, 2020; EHRENBERG, 2020; ÁLVAREZ, 2020) destacaram-se segundo a noção de "ativismo esportivo" (SANTOS, 2021) que empregamos ao longo deste trabalho.

Ainda que o ativismo dos esportistas norte-americanos esteja em voga, e sobre uma perspectiva progressista e antirracista, a utilização do esporte como uma ferramenta da luta e ou da propaganda política, seja qual for o espectro político ideológico, causa ou agente - estatal ou civil -, está presente na história de diversas competições internacionais. A exemplo disso, podemos citar o uso da conquista italiana da Copa de 1934 pelo Estado fascista, regido por Benito Mussolini, como uma vitória do regime totalitário. Conta-se que, mesmo não tendo o “mais básico conhecimento técnico do assunto” (CARVALHO, 2012, p. 47), Mussolini promoveu reuniões com dirigentes e organizadores, já que a Itália sediaria o evento após a Suécia abrir mão de ser a primeira anfitriã europeia do torneio, para transmitir ao mundo uma suposta superioridade do fascismo através da imagem de uma *Squadra Azzura* combativa, disciplinada e fisicamente preparada. O *Duce*, como

---

<sup>29</sup> Ou “Vidas Negras Importam”.

Benito também era chamado, sabia a comoção e a mobilização nacional que o futebol proporciona. Segundo Caon:

Por meio de um imenso esquema propagandístico elaborado pelo governo, cada disputa da Seleção Italiana era representada como uma guerra ritualizada em que a presença dos emblemas nacionais - no uniforme, bandeira, hino - e o próprio Mussolini ganhavam posição de destaque (CAON, 2021, p. 28).

A política do Estado italiano em relação à Copa de 1934 estava alicerçada na premissa de "vencer ou morrer". E venceram, sob pressão e sob suspeitas de condicionamento da arbitragem. O sueco Ivan Eklind, na véspera das semifinais, havia participado de uma reunião com Mussolini. Curiosamente, após a vitória italiana nesta etapa da competição, o nome de Ivan foi sugerido para apitar a final do torneio. Para o *Duce*, esta vitória foi elevada ao grau de uma conquista pessoal e do povo italiano. Em uma Itália xenófoba e racista, onde somente os italianos podiam jogar, Mussolini ou foi ludibriado ou omitiu a onda de sul-americanos que ingressaram no país como sobrenomes italianos: uns descendentes, outros falsos. O time campeão de 1934 contava com a presença de Orsi e Guarisi. O primeiro, argentino. O outro, o brasileiro Amphilóquio Marques, abriu mão do apelido "Filó" (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 170-172) e se "italianizou".<sup>30</sup> Em 1938, a Seleção Italiana conquistou o bicampeonato mundial com as vestes pretas representando a cor das milícias fascistas.

Em tratando-se de Estados totalitários, os nazistas também apostaram no esporte como um meio de propagandear e mostrar a (suposta) grandeza do seu regime. Com a anexação da Áustria, foi exigido a incorporação imediata do *Wunderteam* (Time Maravilhoso), segunda potência do futebol europeu, à Seleção Alemã (FRAGA; GUAZZELLI, 2018). No entanto, a equipe só chegou às quartas de final da Copa de 1938. No Brasil, Lourival Fontes, do DIP, e Filinto Muller, chefe da polícia política, eram abertamente apoiadores dos regimes nazi-fascistas, incorporando, assim, elementos da propaganda política e do controle dos meios de comunicação. Segundo Maria Helena Capelato:

O varguismo não se define como fenômeno fascista, mas é preciso levar em conta a importância da inspiração das experiências alemã e italiana nesse regime, especialmente no que se refere à propaganda política. No Brasil, a organização e o funcionamento dos órgãos produtores da propaganda política e controladores dos meios de comunicação revelam a inspiração européia. Por esse motivo, cabe fazer referência ao significado e à organização da propaganda nazi-fascista. (CAPELATO, 1999, p. 167)

No outro pólo político-ideológico da união entre esporte e política, nas Olimpíadas de 1968,

<sup>30</sup> Mario Rodrigues Filho (2003) descreve outros meios de se tornar "italiano" e migrar para o país, como o caso de Demósthene Magalhães, que se transformou-se em Demósthene Bertini; Benedito de Oliveira Menezes transformou-se em Benedito Zacconi ao adotar o sobrenome do sogro. O que estava em jogo era a garantia de ganhar um bom dinheiro para jogar futebol. Isto pressionou o processo de profissionalização do esporte no Brasil.

no México, Tommie Smith e John Carlos, velocistas campeões do ouro e bronze nos 200 metros rasos, respectivamente, ergueram os punhos durante a premiação em protesto à morte de Martin Luther King e a segregação racial que ocorria nos Estados Unidos. Na mesma edição, dias antes, a atleta norte-americana Wyomia Tyus, campeã nos 100 metros rasos e no revezamento 4x100, realizou as provas vestindo um short escuro, ao contrário do convencional branco adotado pela equipe de atletismo do país (BURTKA, 2021).

Muhammad Ali, boxeador campeão olímpico e mundial dos pesos-pesados, em 1967 se negou a servir na Guerra do Vietnã sob a alegação que nenhum vietcongue o havia chamado de “*nigger*”, termo racista empregado nos Estados Unidos (ÁLVAREZ, *ibid.*). A proximidade com a *Nation of Islam*, de Malcolm X, um dos líderes da luta antirracista nos Estados Unidos, pode ter influenciado a forma que tomou decisões diante este fato.

O posicionamento de Smith, Carlos e Ali, fez com que estes perdessem suas premiações. Tyus não teve suas medalhas retiradas, pois optou por um protesto “silencioso”. Entretanto, cabe considerar que, na década de 1960, além das pistas de atletismo na modalidade feminina não terem a mesma visibilidade que a masculina, Tyus questiona se “eles iam dar à uma mulher negra este tipo de poder e ser a primeira a fazer isto na história dos Jogos Olímpicos” (BURTKA, *ibid.*, tradução nossa)<sup>31</sup>. Também nos Jogos Olímpicos, Jesse Owens, velocista negro, sagrou-se campeão em Berlim, em 1936, pondo fim a provação das ideias racistas de Hitler e uma suposta superioridade branca (FRAGA; GUAZZELLI, 2018).

De forma afrontiva ao *apartheid* sul-africano, Danny Jordaan dizia que jogar futebol era uma das poucas formas de resistência por “fazer frente à proibição de nos reunirmos em multidão que nós, os não brancos, tínhamos” (PEINADO, 2017, p. 272). Por ser considerado “mestiço” para o esquema de classificação racial do sistema sul-africano, Jordaan, diferentemente dos pretos, usufruiu dos poucos privilégios que tinha para organizar o movimento e propagar a política de Steve Biko, socialista, que lutava pela igualdade racial e de classe. Neste caso, fica nítido o poder de mobilização contra a o racismo estrutural que o ativismo esportivo pode proporcionar.

Mais recentemente, o britânico Lewis Hamilton, heptacampeão da Fórmula 1 e o único piloto negro da categoria, se manifestou contrário às ações policiais racistas. Além de cerrar o punho diante dos amantes do automobilismo, durante a cerimônia de premiação, Lewis costuma se posicionar nas redes sociais e abordar o tema quando concede entrevistas. A tenista japonesa Naomi

---

<sup>31</sup> Citação original: “*Why did society skip over her? Maybe people just weren't paying attention to women's track in the '60s. But that's not the only reason, Tyus says. "Are they going to give a Black woman that kind of power, to be the first one to do this, ever - in the history of the Olympic Games?"*” (BURTKA, 2021, online).

Osaka, campeã do *US Open* de 2020, foi às ruas com o Movimento *Black Lives Matter* e se negou a jogar as semifinais do Torneio de Cincinnati (ÁLVAREZ, *ibid.*). Nas Olimpíadas de Tóquio, a medalhista de prata em arremesso de peso Raven Saunders ergueu os punhos e cruzou por cima da cabeça enquanto esteve no pódio. Este gesto significa, segundo a atleta, o "cruzamento onde todas as pessoas oprimidas se encontram" (REUTERS, 2021). Sua conterrânea, a atleta norte-americana Gwen Berry, que compete na modalidade de arremesso de martelo, tem provocado ira no setor Republicano dos Estados Unidos, partido do ex-presidente Donald Trump, sobretudo na figura do senador Tom Cotton e Dan Crenshaw (VOGUE, 2021). Durante a seletiva olímpica, no Oregon, Berry subiu ao pódio e virou-se de costas para a bandeira de seu país e ergueu uma camiseta preta com o dizer "*activism athlete*".<sup>32</sup> Nos Jogos Olímpicos, Berry, que prometia repetir o feito caso conquistasse medalhas, não se classificou para as finais da sua categoria. Entretanto, Gwen cerrou o punho quando o seu nome ecoou durante a apresentação da atleta antes do início das provas (CHURCH, 2021). Nas Paralimpíadas de Tóquio, o atleta Thiago Paulino, do arremesso de peso para cadeirantes com deficiências nos membros inferiores, cerrou o punho ao subir no pódio. Ele teve o ouro retirado após o pedido de recurso da delegação chinesa sob a alegação de que Thiago havia cometido infrações durante a prova. Isso invalidou seus arremessos, exceto o que lhe rendeu ao atleta a medalha de bronze. O ouro ficou com Guoshan Wu, da China. Segundo o atleta brasileiro, "o punho erguido significa resistência" e não teve como objetivo desrespeitar ninguém, apenas mostrar sua insatisfação (JUSTO, 2022).

A relação entre esporte, sobretudo o futebol, e política no Brasil, chamado por Nelson Rodrigues de "pátria de chuteiras", nem sempre foi benéfica para a nação. O caso mais emblemático desta trágica união ocorreu durante a Ditadura Civil-Militar, quando a conquista do tricampeonato mundial da Seleção Brasileira, em 1970, no México, foi apropriado pelos militares e usado como sinônimo de sucesso do regime, legitimando-o perante as massas (CARVALHO, 2012). Todavia, como contraponto, emergiu a chamada Democracia Corinthiana, movimento pró-democracia dos jogadores Casagrande, Zenon, Wladimir, o sociólogo Adilson Monteiro Alves e o meia apelidado de "Doutor" Sócrates, o mais politizado do grupo (PEINADO, 2017). Este último ficou mundialmente conhecido por usar faixas na cabeça com mensagens de cunho político<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Ou "atleta ativista".

<sup>33</sup> Andrew Downie, autor da biografia de Sócrates, escreveu um comparativo entre as mensagens presentes nas faixas do "Doutor" e, mais recentemente, de Neymar. Neste texto, Downie comenta o conteúdo político do adereço: "A mensagem naquele primeiro dia foi para os anfitriões, dezenas de milhares dos quais morreram ou ficaram desabrigados em um terremoto nove meses antes. 'México fique de pé', dizia. Nos jogos que viriam, Sócrates enviaria outras mensagens [...] 'Sim ao amor, não ao terror' em resposta a um bombardeio dos Estados Unidos na Líbia. 'Sem violência', dizia outro. E o mais curto [...] 'Justiça'" (DOWNIE, 2017, tradução nossa).

durante a Copa do Mundo de 1986 e por participar ativamente da campanha das "Diretas Já!".

Atualmente, as e os jogadores de futebol têm posto os seus capitais simbólicos e sociais em jogo para problematizar e desnaturalizar o racismo. No entanto, cabe destacar que as pautas são diversas, não se limitando apenas a questões de ordem étnico-racial. A exemplo disso, Marta, jogadora do Orlando Pride e da Seleção Brasileira, eleita seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo, protestou contra à falta de patrocínio na modalidade feminina ao apontar para as chuteiras pretas, sem patrocinador, levando apenas a tarja azul e rosa na lateral, parte da campanha *Go Equal*, no jogo entre Austrália e Brasil (FOLHAPRESS, 2019).

Na Eurocopa 2020, ocorrida no ano seguinte em função do isolamento causado pela pandemia da Covid-19, o goleiro alemão Manuel Neuer e o atacante inglês Harry Kane usaram braçadeiras de capitão com as cores do arco-íris, em junho, mês do orgulho LGBTQIAPN+. Neuer já havia lançado mão do adereço e por esse motivo poderia ser punido pela União das Federações Europeias de Futebol (mundialmente conhecida pela sigla em inglês UEFA) (UOL, 2021). No Brasil, a manifestação mais notável veio do jogador cruz-maltino Germán Cano, a começar pela camisa do clube. O Vasco da Gama lançou uma edição "contra a homofobia", cuja faixa preta do uniforme principal que cruza o peito, representando a expedição dos portugueses ao Brasil, que, desta vez, foi substituída pelas cores do movimento LGBTQIAPN+. As bandeirinhas de escanteio também foram trocadas por outras em alusão ao *Pride Month*<sup>34</sup>. Aos 17 minutos do segundo tempo, o atacante, após abrir o placar contra o Brusque pela Série B do Campeonato Brasileiro, arranca a bandeira de escanteio do gramado e a flâmula enquanto os companheiros de equipe o abraçam. Segundo o próprio jogador, seu ato foi espontâneo e sua intenção era transmitir "uma mensagem de respeito, paz e amor" ("MENSAGEM... 2021, online).

Todas as ações que descrevemos estão sob o guarda-chuva do "ativismo esportivo". Há tênues dissonâncias entre o conteúdo das manifestações, sobretudo se comparado à causa do egípcio Mohamed Aboutrika, filósofo e ex-atacante do Al-Ahly. Em 2008, na vitória por 3 a 0 do Egito contra o Sudão, válido pela Copa das Nações Africanas, Aboutrika, ao marcar um dos gols da partida, levantou a camisa da Seleção e, por baixo, expôs uma blusa branca com a frase "*Sympathize with Gaza*"<sup>35</sup> em apoio à Palestina contra o bloqueio de Israel (SANNIE, 2008). Anos mais tarde, em fevereiro de 2012 na cidade de Port Said, o jogador testemunhou a massacre ao final da partida entre Al-Masry e Al-Ahly, que culminou na morte de 72 torcedores dos Diabos Vermelhos, de um total de 79 pessoas, e centenas de feridos. Acredita-se que este ataque foi

---

<sup>34</sup> Mês do Orgulho LGBTQIAPN+.

<sup>35</sup> Ou "Simpatize com Gaza".

orquestrado pelas forças apoiadores do ditador deposto Hosni Mubarak, já que os ultras<sup>36</sup> do Al-Ahly participaram ativamente dos protestos que levaram a sua derrocada um ano antes. Os torcedores adversários invadiram o gramado com facas, garrafas quebradas e armas de fogo. Das arquibancadas, protagonizaram o terror com foguetes, pedras, etc. A polícia local foi acusada de tirar a divisória do estádio que impedia o contato entre os torcedores rivais. Ademais, os adeptos do Al-Masry cerraram os portões para que ninguém saísse do estádio de Port Said. Se negou a jogar a Supercopa enquanto os responsáveis não fossem devidamente identificados e punidos (SILVEIRA, s.d.). Após o ocorrido, Aboutrika e outros jogadores da equipe anunciaram sua aposentadoria do futebol. Porém, com um Mundial de Clubes a ser disputado, Aboutrika retorna aos gramados e diz que a memória dos mártires da tragédia seria um motivador para vencer os jogos do campeonato (STEIN, 2012).

---

<sup>36</sup> Os *ultras*, torcedores comumente presentes no território italiano, se equivalem aos *hooligans* da Inglaterra ou aos *barras* da América Latina.

## 5 PUNHO CERRADO: MATERIAL DIDÁTICO E LÚDICO ANTIRRACISTA

A execução material didático consiste na explanação do contexto histórico da relação entre o futebol e o racismo, presente nesta pesquisa, e em três atividades pontuadas, que juntas assumirão a forma de um campeonato, a Taça Leônidas da Silva.

Este material didático contou com o levantamento de dados, fotografias e reportagens das seguintes fontes: acervo da Revista Placar; exposições do Museu do Futebol, facilmente encontradas no Google Arts & Culture; jornais de circulação regional e/ou nacional, localizados nos repositórios online, como o da Biblioteca Nacional Digital Brasil, e dos ainda na ativa em circulação por meio digital; blogs e periódicos; relatórios anuais do Observatório da Discriminação Racial no Futebol; documentários e séries; livros e artigos acadêmicos das áreas interseccionadas.

### Taça Leônidas da Silva

Cada tarefa uma terá a pontuação de 0 , 1 e 3 pontos, respectivamente, derrota, empate e vitória, como a pontuação base utilizada no Campeonato Brasileiro. Ao final, um time se consagrará campeão.

Os pontos serão decididos pelo educador/a com a ajuda dos estudantes, conforme o engajamento de cada grupo de trabalho. Ao final - mas não necessariamente - o/a docente poderá premiar a equipe que vencer a disputa.

#### 5.1. Atividade 1: Respeite as minhas cores:

Na primeira atividade, o/a educador/a disponibilizará aos estudantes o nome dos times que compuseram a *Liga Nacional de Football Porto Alegrense* (ou Liga da Canela Preta). Os/as alunos/as, à medida que montarem seu grupo de trabalho, ou escalarem seus/suas companheiros/as de equipe, deverão estilizar os escudos do time que escolheram, flâmulas, uniformes e suas cores etc. A criação destes símbolos não terá como base os originais usados durante a Liga da Canela Preta. Ao contrário, ficará a critério de cada grupo, com exceção do nome da equipe. O intuito é rememorar a existência da Liga, que teve vital relevância para sociabilidade e resistência negra frente ao racismo, e (re)criar os símbolos que foram esquecidos e que não se podem encontrar com vastidão, nem mesmo nos jornais da época<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Há duas teses explicar este porquê. Visto que elas tendem a se complementar, cabe mencionar ambas: segundo Mascarenhas (1999a), devido a enchente de 1941, muitos documentos sobre a Liga foram destruídos. Para Santos (2018), os clubes de menor expressão dificilmente anunciavam nos jornais por conta do preço, além de não terem a mesma popularidade que os demais esportes praticados na época.

As equipes são (MASCARENHAS, 1999a):

- Primavera;
- Bento Gonçalves;
- União;
- Palmeiras;
- Primeiro de Novembro;
- Rio-Grandense;
- 8 de Setembro;
- Aquidabã;
- Venezianos.

### **5.2. Atividade 2: *Cabecea(dores)*: entre o campo de futebol e da Sociologia**

Durante a Copa de 1986, o argentino Diego Maradona foi tido como um dos protagonistas da edição, não só pelo desempenho dentro de campo, mas pelo lance que chamaria de "*La Mano de Dios*". Maradona posicionou o punho próximo da cabeça e empurrou a bola para dentro da rede. Este gol, que classificou a Argentina para as semifinais do torneio, foi marcado contra a Inglaterra. Segundo Diego, mais que um gol de mão, ele simbolizava uma revanche (ou "vingança histórica") contra os ingleses, visto que haviam se enfrentado quatro anos antes na Guerra pelas Ilhas Malvinas (GALEANO, 2020). "*La Mano de Dios*" ultrapassa a História do Futebol e das Copas, pois está presente no imaginário coletivo, até para aqueles que não viram Maradona jogar.

Opor-se à uma dor, à uma injustiça, à uma chaga social através dos gramados, quando os olhos do Mundo estão voltados para a disputa, para além de um ato de coragem ao romper com a harmonia do espetáculo, os/as jogadores/as, técnicos/as, entre outros, dão "nós táticos" ao tornar visível o sentimento dos invisibilizados e as bases estruturais de uma (ou mais) sociedade(s).

Pensando nisso, o jogo "*Cabecea(dores): entre o campo de futebol e da Sociologia*", pretende evocar os posicionamentos públicos em relação à temática do ativismo esportivo antirracista e do racismo, ambos presentes neste esporte e na sociedade em geral através de um disputa entre dois jogadores, representando suas equipes. Por tratar-se de um projeto, as edições posteriores poderão ser aperfeiçoadas na medida que este for posto em prática, podendo contar com um guia dos casos utilizados para essa elaboração que facilite a jogabilidade e a pesquisa dos/das estudantes. Cabe lembrar que o uso integral do número de cartas disponibilizadas não é necessário.

Ainda que tenhamos selecionados casos que embasaram a criação desta atividade, a grande quantia expressa a recorrência dos casos de racismo e/ou injúria racial no futebol.

### 5.2.1. As regras e as cartas:

# CABECEIA (DORES)

## REGRAS

**DINÂMICA DO JOGO:**

O/a jogador/a deverá jogar para si as cartas de valor positivo e para o adversário as cartas de valor negativo. A exceção à regra ocorre apenas se uma carta especial do adversário demandar esta jogada, exigindo que este volte as respectivas casas. Assim sendo, o/a jogador/a se movimentará para trás (cartas negativas) e para frente (cartas positivas), tendo como finalidade marcar o **GOL**.

**CAMPO:**

O campo contará com 24 casas, 12 para cada jogador/a ou equipe. As casas vão de 1-12, perpassando todas as posições do futebol (do goleiro ao centroavante) e o **GOL**, 12ª e última casa. O jogo deve ser iniciado sempre da casa de número 5, a mais próxima do meio de campo.

Vence a partida o/a primeiro/a que marcar o **GOL**.

O número de gols por jogo fica a critério das equipes.

# CABECEIA (DORES)

## REGRAS

### ANATOMIA DAS CARTAS



Casas para andar

Ícone da ação da carta

# CABECEA (DORES)

## REGRAS

### PRORROGAÇÃO/PENALIDADES:

Em caso de empate, fica a critério das equipes se desejam reiniciar a partida - prorrogação -, podendo optarem pelas penalidades.

Nas penalidades, o/a jogador/a retira do monte, previamente embaralhado, uma carta por vez até totalizar 5 cartas, e as compara com os valores das do adversário. Ao final, aquele que tiver o maior número no somatório geral **vence o jogo.**

Em caso de empate, as penalidades seguem as cobranças alternadas, até que alguém tire uma carta maior que a do adversário.

# CABECEIA (DORES)

## REGRAS

### CARTAS DE AÇÃO:

A carta que possuir um ícone na parte inferior direita poderá exercer a ação correspondente, isso quando o/a jogador/a achar estratégica.

	Tabelinha: faça uma jogada dupla positiva caso ambas as cartas possuam o ícone referente.
	Suspensão: o adversário fica uma rodada sem jogar.
	Capitão: se aliada à uma Carta Especial, o/a jogador/a pode andar a soma dos valores correspondentes e uma casa a mais. Exemplo: Carta +2 com Carta +1 = +3 e +1 ponto extra, totalizando +4.
	Carrinho: o adversário deve voltar uma casa.
	Moacir Barbosa: esta carta possibilita que o jogador avance cinco casas (+5) ou se defenda de um ataque do adversário anulando os pontos negativos.
	Artilheiro: permite uma jogada dupla e uma casa a mais se somada com a carta Tabelinha. Exemplo: Carta Artilheiro +1 com Carta Tabelinha +1 e +1 ponto extra, totalizando +3.

# CABECEA (DORES)

	<p>Substituição: troque a carta positiva de menor valor pela primeira sacada do banco de reservas. Exemplo: entre as três cartas, há duas de valor +3 e uma de valor +1. Caso o/a jogador/a queira tentar a sorte, possuindo a Substituição, pode descartar a carta +1 e comprar uma do monte (banco de reservas).</p>
	<p>Impedimento: o adversário deve voltar três casas.</p>
	<p>Defesa milagrosa: permite atravessar a jogada do adversário apenas quando este estiver na casa 11, próximo de fazer o gol. Ao utilizar esta carta, o adversário, além de perder o gol, deve voltar para a casa 9.</p>
	<p>Olheiro: o adversário deve mostrar suas cartas.</p>
	<p>Banco de reservas: o adversário deve mandar a carta de maior valor para o banco. Válido para todas as cartas, exceto para King/Queen Card.</p>
	<p>Nó tático: faça uma jogada dupla negativa caso ambas as cartas possuam o ícone referente.</p>
<p>7 x 1</p>	<p>A soma de uma carta de Suspensão com uma carta King ou Queen, permite que o/a jogador/a envie seu adversário para a casa de nº 5.</p>

# CABECEIA (DORES)

## REGRAS

### O CAMPO

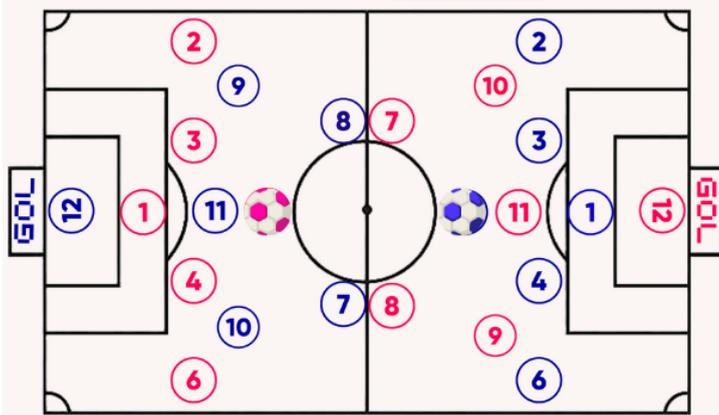


# CABECEIA (DORES)

DECK

**Carta 7 a 1:**

- Localizada ao lado do campo



**Banco de reservas:**

- Cartas para a "compra" ou "substituição"

**Deck da Equipe Rosa**

- Carta 1: +5
- Carta 2: +3
- Carta 3: +2

**Equipes posicionadas na casa nº 5 para o início da partida**

**Deck da Equipe Azul**

- Carta 4: +3
- Carta 5: +2
- Carta 6: +1

### 5.3. Atividade 3: Mesa redonda:

Por meio de questões motivadoras, o/a educador/a norteará um debate chamado de *Mesa Redonda*<sup>38</sup> sobre a desigualdade racial no país, racismo estrutural e sua relação com os episódios vistos na segunda atividade que, por não estarem descritos, promoverão a pesquisa das equipes. Ademais, faz-se necessário para caráter avaliativo, que os/as estudantes pesquisem sobre um/a dos/das atletas ativistas e/ou das formas de resistência negra, incorpore no debate e, se o/a educador

<sup>38</sup> Novamente, utiliza-se de uma metáfora para lembrar a denominação dos programas esportivos de debate na televisão e no rádio.

achar conveniente, entregue um trecho por escrito sobre o/a jogador/a pesquisado/a.

Como questões motivadoras, propõe-se:

- Quantos/as negros/as são técnicos/as de futebol no Brasil?
- E quantos/as são dirigentes? Há alguma relação de um possível esvaziamento nos cargos de gestão com a ideia de racismo estrutural?
- Dos casos vistos durante o jogo da segunda aula: há algum que lhes chamou mais atenção?
- De que forma o posicionamento dos/das atletas contribui para a luta antirracista?

Estas são sugestões de perguntas motivadoras. Se o/a educador/a desejar substituí-las por outras ou complementá-las, este trabalho é uma proposta e aquele que lê-lo poderá fazer seu uso conforme as possibilidades e potencialidades da turma e da escola.

Feita esta última atividade, encerra-se a Taça Leônidas da Silva. A equipe que tiver somado mais pontos, consagra-se campeã.

## 6 "NA BACIA DAS ALMAS": CONCLUSÃO

O viés que adota-se neste projeto é de cumprir com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Base Nacional Comum Curricular, mas ir além: combater o racismo e as desigualdades étnico-raciais vigentes. Apesar dos nossos apontamentos críticos à BNCC, este é um documento legal e, sobre ele, é preciso construir os meios de efetivar a educação antirracista. Aqui está uma alternativa.

Optou-se utilizar como recurso a História Social do Futebol no Brasil, por motivos de interesse pessoal, mas também pela proximidade do esporte com os/as alunos/as. Ademais, cabe ressaltar as histórias de resistência e luta dos e das negras ativistas, às vezes invisibilizadas ou expostas em notas de rodapé e, como apontamos no início deste trabalho, pouco incluídas nos livros didáticos da disciplina segundo nossa análise documental. Ademais, consideramos a ausência do termo "racismo estrutural" *ipsis litteris* problemático, visto que esta noção, apesar de estar citada nas palavras de Silvio Almeida (2019), o mesmo trata sempre de ressaltar que esta noção não é atual e nem cunhada pelo próprio.

As metodologias ativas e, dentro deste "guarda-chuva" a estratégia da gamificação (CAMARGO; DAROS, 2018) junto da educação libertadora, se fazem presentes porque almeja-se superar a monotonia das salas de aulas tornando o/a estudante protagonista deste espaço. É comum que estas metodologias estejam vinculadas ao uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC's), no entanto, mas não por falta de tentativa, neste caso elas se encontram em forma de jogo de tabuleiro (*boardgame*). Busca-se uma Sociologia Viva, que levante-se e caminhe para além dos muros da escola. E não só. Caso haja a disposição dos/das educadores/as trabalharem sob o viés da transdisciplinariedade, é possível que este projeto seja aplicado nas aulas de Educação Física, na quadra de futebol; nas aulas de História; ou, para as escolas que possuem este privilégio, nas aulas de Programação de Jogos Digitais, ou de Intervenções Pedagógicas de Inclusão dos/das Pessoas com Deficiências, sonhado por quem vos escreve.

...

Chegamos ao fim deste campeonato. Desenvolver e propor a execução deste material, com todas as suas particularidades, se assemelha à uma reversão de resultado no jogo de volta. Estamos com as pernas pesadas. Fomos para os pênaltis, e espero que vençamos. A (auto)cobrança da torcida é algo que nos aflige. Mas, no fim, espero erguer o caneco, a taça, com um título que muitos sonham, mas nem todos possuem os mesmos privilégios que possuo, infelizmente. Como homem branco é meu dever utilizar os acessos que tenho de forma estratégica para combater o racismo, sobretudo pensando com quem construo o conhecimento.

O futebol é um esporte coletivo. Com este projeto, gostaria de auxiliar os/as docentes a executar uma nova forma de jogar *com* os/as estudantes e desnaturalizar a estrutura racista que tecemos dia após dia. Fui modificado pela minha trajetória, meus estudos, assim como a modifiquei conforme me aproximava deste trabalho. Este, torna-se uma referência não só para os demais que pretenderem o desenvolvimento de materiais didáticos, mas para que, na função de professor, na abandone estes princípios do ensino lúdico e antirracista.

Espero que tenham se sentido provocados, mas que, e sobretudo, tenham se divertido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"A MÁ vontade contra mim transformou-se em hostilidade ao meu club": Leônidas, astro bomssuccessense fala-nos do incidente. Leônidas, astro bomssuccessense fala-nos do incidente.

**Diario da Noite.** Rio de Janeiro, 03 maio 1932. Sports, p.14. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961\\_01&pagfis=10883](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=221961_01&pagfis=10883). Acesso em: 14 jun. 2023.

“ATIVISMO de atletas é importante, mas é preciso ação”, diz Djamila. Metrôpoles. [S.I.], p. 1-3. 01 abr. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/ativismo-de-atletas-e-importante-mas-e-preciso-acao-diz-djamila>. Acesso em: 21 mar. 2023.

"MENSAGEM de paz, amor e respeito", diz jogador após comemorar com bandeira LGBT. **Portal iG.** [S.I.], p. 1-3. 08 jul. 2021. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2021-07-08/german-cano-explica-ato-em-homenagem-a-lgbtqia-.html>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES. Antonio Jorge. O ‘racismo à brasileira’ no futebol. In.: **GIGLIO, S. PRONI, M. (Org.) O futebol nas Ciências Humanas no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 721-739.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

ÁLVAREZ, Robert. Luta contra o racismo inaugura uma nova era no ativismo do esporte mundial. **El País.** Barcelona, p. 1-2. 29 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-08-29/uma-nova-era-no-ativismo-do-esporte-mundial.html>. Acesso em: 20 abr. 2023

ALVES, Lynn Rosalina Gama; MINHO, Marcelle Rose da Silva; DINIZ, Marcelo Vera Cruz. Gamificação: diálogos com a educação. In: **FADEL, Luciane Maria et al.(Org.). Gamificação na educação.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2014, p. 74-97

AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de; MACHADO, Igor José de Renó. **Sociologia Hoje.** São Paulo: Ática, 2013.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AQUINO, Julio Groppa. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual:** uma plataforma para o éthos docente. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

ARBOÉS, Marcus. **Bruxaria e futebol africano:** a história sobrenatural do jogo em Ruanda. Ludopédio, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/bruxaria-e-futebol-africano/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

A SAHIDA de Leonidas beneficiou o Bomsucesso. **Jornal dos Sports.** Rio de Janeiro, p. 1-4. 05 maio 1932. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518\\_01&pagfis=1490](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_01&pagfis=1490). Acesso em: 25 ago. 2023.

BARBOZA, Kalleb; SIMÕES, Klaus; KIELING, Nicolas. **Futebol, uma questão de estado: o desenvolvimento e a consolidação do futebol brasileiro através da propaganda.** São Paulo: Casa Flutuante, 2017.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 2017.

BOURDIEU, Pierre. O habitus e o espaço dos estilos de vida. In: \_\_\_\_\_. **A Distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. p. 162–211.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papyrus, 2015.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Diesporte - Diagnóstico Nacional do Esporte: caderno 1.** Brasília: Ministério do Esporte, 2015.

\_\_\_\_\_. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

\_\_\_\_\_. Lei 11.645 de 10 de março de 2008. D.O.U. de 10 de março de 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BURTKA, Allison Torres. Wyomia Tyus: the original athlete activist hiding in plain sight. **The Guardian.** [S.I.], p. 1-5. 23 dez. 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/sport/2021/dec/23/wyomia-tyus-athlete-activism-usa-olympics>. Acesso em: 14 jun. 2023.

BUSARELLO, Raul Inácio. **Gamification: princípios e estratégias.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2016.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo.** Porto Alegre: Penso, 2018.

CARVALHO, José Eduardo de. **150 anos de futebol - geopolítica.** São Paulo: Sesi, 2012

CARTWRIGHT, Mark. **Civilização olmeca.** 2018. Traduzido por Ricardo Albuquerque. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-11440/civilizacao-olmeca/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

CAON, Isabelle Fernandes. **O futebol como instrumento político: um estudo comparativo entre as ditaduras militares da Argentina, do Brasil e do Uruguai.** 2021. 93 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/231481/001133082.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 jun. 2023.

CHAVES, Lincoln. Único negro presidente nas séries A e B: invisibilidade histórica. **Agência Brasil.** São Paulo. 08 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-06/unico-negro-presidente-nas-series-e-b-invisibilidade-historica>. Acesso em: 25 abr. 2023.

CHURCH, Ben. 'Estou aqui para representar', diz Gwen Berry após erguer o punho nas Olimpíadas. **CNN Brasil**. [S.I.], p. 1-4. 04 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/estou-aqui-para-representar-diz-gwen-berry-apos-erguer-o-punho-nas-olimpiadas/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Doisa, 2013. p. 228.

\_\_\_\_\_. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). **Pro-posições**, Campinas, v. 26, n. 1, p.105-122, jan. 2015. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v26n1/0103-7307-pp-26-01-0105.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020

\_\_\_\_\_. Crisopeia de uma salamandra. In.: **Poéticas do arquivo e do artifício em filosofias da diferença e educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

COSTA, Ricardo César Rocha da; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Sociologia para Jovens do Século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DOUGAN, Andy. **Futebol & Guerra**: resistência, triunfo e tragédia do dínamo de Kiev ocupada pelos nazistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DOWNIE, Andrew. Sócrates: the last great political footballer. **The Irish Times**. [S.I.], p. 1-3. 03 abr. 2017. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/culture/books/s%C3%B3crates-the-last-great-political-footballer-1.3034678>. Acesso em: 14 jun. 2023.

DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2013.

EHRENBERG, Karla Caldas. Ativismo racial de atletas e marketing social: associações e reflexões. **Anais do 43º Congresso Brasileiro Ciências da Comunicação – Intercom 2020**, Salvador, 2020.

ESTADÃO, Redação. Corinthians elimina Nacional em jogo com ato de racismo e vai atrás do tri da Libertadores Feminina. **Estadão**. São Paulo, p. 1-3. 16 nov. 2021. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol.corinthians-elimina-nacional-em-jogo-com-ato-de-racismo-e-vai-em-busca-do-tri,70003900444>. Acesso em: 14 jun. 2023.

FRAGA, Gerson Wasen. “**A Derrota do Jeca**” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado), 2009.

FRAGA, Gerson Wasen; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. O caminho para Berna passou por Kiev: que e ascensão da Deutsch Nationalmannschaft Fussball. In: **DOMINGOS; BECK; QUINSANI (org.) Os Ciclos da História Contemporânea: reflexões a partir da relação Cinema-História**, volume 2, 2018. (p. 225-251)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 60. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**. Recife, p. 4-4. 17 jun. 1938. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_11/29316](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_11/29316). Acesso em: 23 abr. 2023.

FOLES, Paulo. Marinho marca de pênalti para o Santos e comemora com gesto antirracista; assista. **Torcedores: Notícias Esportivas**. [S.I.], p. 1-3. 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2021/11/marinho-marca-de-penalti-para-o-santos-e-comemora-com-gesto-antirracista-assista/amp>. Acesso em: 14 jun. 2023.

FOLHAPRESS. Saiba por que Marta apontou para a chuteira ao marcar gol em jogo do Brasil. **NSC Total**. Florianópolis, p. 1-1. 14 jun. 2019.

FORTUNA, Tânia. Ramos. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. São Paulo: L&PM, 2020.

GAMA-ROLLAND, Cintia Alfieri. Atividades físicas egípcias antigas: jogos, treinamento militar e a força real. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 29, n. 29, p. 7-19, 30 dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/140723>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GIESBRECHT, Alexandre. **King, goleiro tricolor entre 1936 e 1947**. 2013. Disponível em: <https://jogosdosaopaulo.com.br/king-goleiro-tricolor-entre-1936-e-1947-e54934f58dbc>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010a.

\_\_\_\_\_. O estudo do esporte no continente africano. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (org.). **Mais do que um jogo**: o esporte e o continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010b. p. 13-36.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan. 2003. Semestral.

HELLIGAR, Jeremy. How the clenched fist became a black power symbol. **Reader's Digest**. [S.I.], p. 1-3. 21 jun. 2021. Disponível em: <https://www.rd.com/article/history-behind-the-clenched-first-and-the-symbol-for-black-power/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

HUBER, Fred; SCHMIDT, Tébaro. Laudo solicitado pelo Flamengo confirma gritos racistas contra Gabigol, que é chamado para depor. **GE**. Rio de Janeiro, p. 1-3. 14 fev. 2022. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/laudo-solicitado-pelo-flamengo-confirma-grito-s-racistas-contragabigol-no-jogo-com-fluminense.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2023.

JUSTINO, Jaqueline Ferreira; CAGNIN, Daiane Cecília; NOGUEIRA, Claudete de Souza. A BNCC e as DCNERER: aproximações e proposições para o trabalho com a temática da Educação Étnico-Racial a partir da Pedagogia Decolonial. **Olhar De Professor**, vol. 25, dezembro de 2022, p. 1-19, doi:10.5212/OlharProfr.v.25.20448.068. Acesso em: 12 out. 2023.

JUSTO, Juliano. Thiago Paulino relembra polêmica em Tóquio e projeta Paris 2024. **Agência Brasil**. São Paulo, p. 1-2. 11 fev. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/esportes/audio/2022-02/thiago-paulino-relembra-polemica-em-toquio-e-projeta-paris-2024>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LEITE-JUNIOR, Emanuel; RODRIGUES, Carlos. O futebol na China: do cuju (蹴鞠) ao sonho de se tornar uma potência mundial. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 261-283, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/74092>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LONDOÑO, Fernando Torres . No princípio da história, era um jogo de bola. Jogo poder e religião entre os maias. **Rever (PUCSP)** , v. 15 , p. 111 - 125 , 2015.

LOPES, Michelle Aparecida Pereira. Corpo e(m) resistência: uma análise do punho cerrado nas manifestações sociais no Brasil Contemporâneo à luz da semiologia histórica. In: **LOPES; BERNARDES. Corpos, sujeitos e discurso: identidades ressignificadas. (Org.)** São Carlos: Pedro João. 2020, p. 09-34.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; RIGO, Luiz Carlos. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930). **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 37, p. 222-239, 2021.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; DA SILVA, Daniel Vidinha; RIGO, Luiz Carlos. Liga de Futebol José do Patrocínio (1919–1936): um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 70, 2021, p. 235-260. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2021v70p235-260>.

MASCARENHAS, Gilmar. Esporte e mito da democracia racial no Brasil: memórias de um apartheid no futebol. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 14, n. 4, p. 1-13, jun. 1999a. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd14b/apart1.htm>. Acesso em: 25 ago. 2023.

\_\_\_\_\_. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: **Anos 90**. Porto Alegre: UFRGS, v.7, n.11, julho de 1999b, p. 144-161.

\_\_\_\_\_. **A bola nas redes e o enredo do lugar**: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. São Paulo: USP (Tese de Doutorado), 2001.

\_\_\_\_\_. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MEURER, Arthur Witter; ANDRADE, Paula Mariani de. Educador-poeta: experiências lúdicas do pibid/sociologia da ufrgs na escola técnica estadual parobé. **Todavia**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p.

66-86, ago. 2021. Semestral. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/revistatodavia/issue/view/4517/993>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MEURER, Arthur Witter. **Taison**: a luta contra o racismo do "lanceiro negro colorado". A luta contra o racismo do "lanceiro negro colorado". 2023. Disponível em:

<http://olharesemprimeirapessoa.blogspot.com/2023/01/taison-luta-contra-o-racismo-do.html?zx=34f77aee84c4f910>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MOCELIN, Daniel Gustavo; RAIZER, Leandro. Ensino da sociologia no Rio Grande do Sul: histórico da disciplina, formação do professor e finalidade pedagógica. **Revista Brasileira de Sociologia**. Sociedade Brasileira de Sociologia, v. 2, n. 3, p. 101-127, 2014.

MOCELIN, Daniel Gustavo. O ensino de Sociologia e o seu campo. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2020. p. 57-62.

\_\_\_\_\_. O currículo pelos professores: práticas de ensino de Sociologia no Ensino Médio em Porto Alegre. **Latitude**, v. 15, Edição Especial (2021): Dossiê: Sociologia, currículo e ensino: debates e desafios no Brasil e na França, p. 62-89, jan., 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MUSEU do Futebol. **Visibilidade para o futebol feminino**. Museu do Futebol. São Paulo, 2015. Exposição online. Disponível em:

<https://artsandculture.google.com/story/7wWxL29yflWzIQ?hl=pt-b>

OBSERVATÓRIO da Discriminação Racial no Futebol. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2014-2021**. Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Museu da UFRGS. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2022.

O DIA do trabalho, no Brasil, é uma festa de confraternização. **O Jornal**. Rio de Janeiro, p. 5-6. 01 maio 1940. Disponível em:

[https://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=110523\\_04&PagFis=1485&Pesq=%22est%c3%a1dio%20do%20Vasco%22](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=110523_04&PagFis=1485&Pesq=%22est%c3%a1dio%20do%20Vasco%22). Acesso em: 14 jun. 2023.

PEINADO, Quique. **Futebol à esquerda**. São Paulo: Mundaréu, 2017.

PEREIRA, Camila Augusta; LOVISOLO, Hugo. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte. In: **HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do. Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014. p. 37-56.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 9. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RETONDAR, Jeferson. **Teoria do jogo**: a dimensão lúdica da existência humana. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

REUTERS. Atleta americana faz gesto pelos oprimidos ao receber prata. **Nexo**. [S.I.], p. 1-3. 02

ago. 2021. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/extra/2021/08/02/Atleta-americana-faz-gesto-pelos-oprimidos-ao-receber-prata>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. PREFEITURA DO RIO GRANDE. **SC Rio Grande fará amistoso internacional contra marinheiros ingleses**. 2006. Disponível em:

<https://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/index.php/noticias/detalhes+87786,,sc-rio-grande-fara-amistoso-internacional-contra-marinheiros-ingleses.html>. Acesso em: 25 ago. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. Matriz de referência para modelo híbrido de ensino (presencial e não presencial) do ano letivo de 2020 da Rede Pública Estadual do Estado do Rio Grande do Sul. Disciplina: Sociologia. Ano: terceiro ano do Ensino Médio. 2020.

RODRIGUES, Lucas Inácio; BALBINO, Giovane Silva. O esporte na luta contra o racismo: o uso de fotografias em sala de aula. In.: XVII Encontro Regional de História da ANPUH-PR. **II Encontro do Profhistória/UEM**. XXIV Semana de História/DHI-UEM. Nov/2020.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SALDANHA, Marinho. Taison repete gesto antirracista ao comemorar gol pelo Inter. **Uol Esporte**. Porto Alegre, p. 1-2. 08 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/08/08/taison-repete-gesto-antirracista-ao-comemorar-primeiro-gol-pelo-inter.htm>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da canela preta: a história do negro no futebol**. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

SANTOS, Shayane Machado dos. **A intersecção entre jogadores de futebol, raça e as marcas-humanas**. 2021. 94 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Públicas, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SCHWARCZ, Lilia. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SENET, o mais antigo e estratégico jogo de tabuleiro. 2019. Disponível em:

<https://ludosofia.com.br/arqueologia/senet-o-mais-antigo-jogo-de-tabuleiro-estrategia-e-sorte/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVA, Afrânio et al. **Sociologia em movimento**. São Paulo: Moderna, 2013.

SILVA, Ana Paula Florisbela da; FREITAS, Eliane Martins. Racismo, identidades e relações de poder: produção de material didático sobre questões étnico-raciais. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO, EXTENSÃO E CULTURA, 3., 2017, Goiânia. **Anais 3º CONPEEX/RC-UFG**. Goiânia: Ufg, 2017. p. 1320-1325.

SILVA, Marcelo Kunrath et al.. Metodologias ativas para o estudo de movimentos sociais no Ensino

Médio. **Kiri-Kerê**: pesquisa em ensino, Vitória, v. 1, n. 9, p. 133-157, dez. 2020. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/31784/22669>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SIMON, Carlos Eugênio. Punhos cerrados de Edenilson. **ESPN**. [S.I.], p. 1-2. 21 maio 2022. Disponível em: [https://www.espn.com.br/blogs/carloseugeniosimon/808801\\_punhos-cerrados-de-edenilson](https://www.espn.com.br/blogs/carloseugeniosimon/808801_punhos-cerrados-de-edenilson). Acesso em: 14 jun. 2023.

STOUT, James. The history of the raised fist, a global symbol of fighting oppression. **National Geographic**. [S.I.], p. 1-5. 31 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/article/history-of-raised-fist-global-symbol-fighting-oppression>. Acesso em: 14 jun. 2023.

TENÓRIO, Cibele. No Jikunahati, indígenas adaptam futebol e trocam os pés pela cabeça. **Portal EBC**. Brasília, p. 1-2. 26 out. 2015. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/esportes/2015/10/futebol-de-cabeca-0>. Acesso em: 25 ago. 2023.

UOL. Kane vai usar braçadeira com cores do arco-íris em Inglaterra x Alemanha. **Uol Esporte**. São Paulo, p. 1-2. 28 jun. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/06/28/kane-vai-usar-bracadeira-com-cores-do-arco-iris-em-inglaterra-x-alemanha.htm>. Acesso em: 14 jun. 2023.

VERASTEGUI, Bruna Agliardi. O papel dos contos na educação para as relações étnico-raciais: literatura e representação. **Ensino Em Perspectivas**, 3(1), 1–11. 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/907>. Acesso em: 12 out. 2023.

VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte e sociedade em escritos de Roberto DaMatta. In: **GIGLIO, S. PRONI, M. (Org.) O futebol nas Ciências Humanas no Brasil** Campinas: Editora da Unicamp, 2020

VIDACS, Bea. O esporte e os estudos africanos. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (org.). **Mais do que um jogo**: o esporte e o continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 37-70.

VILA NOVA, Daniel. **Copa do Mundo Feminina é marcada por zebras, adeus a ídolos e recordes de audiência**: veja resumo. veja resumo. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo-feminina-e-marcada-por-zebras-adeus-a-idolos-e-recordes-de-audiencia-veja-resumo-npres/#:~:text=Recorde%20de%20audi%C3%Aancia,25%20mil%20pessoas%20por%20jogo..> Acesso em: 11 dez. 2023.

VOGUE, Redação. Senadores republicanos querem Gwen Berry fora das Olimpíadas. **Vogue**. [S.I.], p. 1-3. 29 jun. 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2021/06/senadores-republicanos-querem-gwen-berry-fo-ra-das-olimpiadas.html>. Acesso em: 14 jun. 2023.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**ANEXO: ACESSANDO O MATERIAL**

Link de acesso para o material didático completo:

[https://drive.google.com/drive/folders/1THJuB-Tlw5cEObIYgx9T9X-\\_Qn4NA2g2?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1THJuB-Tlw5cEObIYgx9T9X-_Qn4NA2g2?usp=sharing)